



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E
ENSINO

TEM PROFESSOR NA REDE: O USO DO *FACEBOOK* PARA O
TRABALHO COM A LÍNGUA/LINGUAGEM

Renalle Meneses Barros
Orientadora: Dr^a. Rossana Delmar de Lima Arcoverde

Campina Grande- PB, Março de 2014

Renalle Meneses Barros

TEM PROFESSOR NA REDE: O USO DO *FACEBOOK* PARA O
TRABALHO COM A LÍNGUA/LINGUAGEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Mestrado), no Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Mestre, na área de concentração “Língua(gem) em Contexto de Ensino de Português – Língua Materna”

Orientadora: Prof^a Dr^a Rossana Delmar de Lima Arcoverde

Campina Grande- PB, Março de 2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof^a Dr^a Rossana Delmar de Lima Arcoverde
(Orientadora)

Prof. Dr. Luciano Justino
(Examinador)

Prof. Dr. Washington Farias
(Examinador)

*A minha mãe, fonte de toda minha
inspiração.*

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus pela maior dádiva que me foi concedida: a VIDA;

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, pela grande contribuição em meu processo de formação.

À minha orientadora Pr^a Dr^a Rossana Delmar de Lima Arcoverde, pelas contribuições teóricas, pelo apoio e ensinamentos, sobretudo àqueles que a academia não nos proporciona: o de sermos, antes de tudo, seres humanos;

Aos professores que participaram da banca de defesa desta dissertação: Prof. Dr. Washington Farias e Prof. Dr. Luciano Justino, que representaram o olhar do “outro”, sempre essencial para os possíveis novos contornos dados à pesquisa;

Ao Prof. Dr. Washington Farias, pelo excelente profissional que é; sempre o lembrarei como modelo de inspiração para minha futura vida acadêmica;

Aos sujeitos desta pesquisa que sempre se mostraram solícitos, apesar de todos os intemperes, contribuindo para a constituição de uma parte importante do nosso *corpus* de análise.

À minha mãe, Elisabete, mulher inigualável, que sempre se doou por inteiro e renunciou aos seus sonhos para que, muitas vezes, eu pudesse realizar os meus. A você, mãe por natureza, por amor e opção, o meu muito obrigada!

Ao meu pai, Reginaldo, homem de caráter e honestidade ímpar que, apesar do seu jeito diferente de amar, tem uma importância imensurável na minha vida;

À minha avó Lia, mulher de sabedoria e fé, que dedicou muitas de suas orações a mim, pedindo ao “Pai Eterno” por meu sucesso pessoal e profissional;

Ao meu namorado, João Paulo, que trouxe um colorido novo à minha vida, que deixou o meu sorriso mais largo, que veio para preencher os espaços de um coração e de uma vida vazia. Obrigada por sempre fazer meu coração palpitar de alegria! Amo você!!

À minha irmã Raíssa, minha companheira desde pequena, que com seu jeito “moleque” (e às vezes tão rude) sempre fez de tudo para transformar os momentos de dor nos mais

engraçados, assim como sempre me guiou para o caminho da verdadeira realidade sobre as pessoas, as coisas, o mundo;

À minha irmã Rísia, que já se fez tão presente e tão parceira, embora o tempo e as circunstâncias tenham provocado mudanças em você, em mim, parecendo que nada será como antes;

Aos amigos que o PosLE me deu de presente: Marta Jordanna, Lorena, João Paulo, Isolda, Elaine, Flávia, Lino, Salatiel. Em especial, a Pollyana, que se tornou nesses dois anos o meu verdadeiro “ombro amigo”, sempre disposta a escutar minhas angústias, minhas insatisfações, meus problemas; foi muito bom conhecer você, espero levá-la comigo para vida inteira;

À amiga de infância Danielly Vieira, por todos os momentos e experiências compartilhados ao longo desses quase vinte e cinco anos;

A todos que, direta ou indiretamente, participaram da concretização deste sonho.

*“Eu sou na medida em que interajo
com o outro. É o outro que dá a
medida do que sou [...]”*

(KOCH, 2002, p.15)

RESUMO

Os sites de redes sociais, consolidados socialmente como espaços sociointerativos, possibilitam não apenas a efetivação de atividades interativas, mas também o surgimento e consolidação de legítimas práticas sociais, que perpassam necessariamente pelo uso de múltiplas linguagens. Dentre essas recentes e particulares práticas sociointerativas, uma delas nos inquietou e nos instigou à realização desta pesquisa: a instaurada pelos professores de língua portuguesa no *Facebook*. Rememorando a recente inserção desses profissionais nesses ambientes, temos como objetivo geral investigar o uso que os professores fazem do *Facebook* em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem). Para tanto, procuramos descrever e interpretar esse fazer a partir da observação sistemática das publicações por eles realizadas, bem como das publicações exibidas em páginas voltadas para esse público, no período compreendido entre dezembro de 2012 a maio de 2013, bem como interpretar, através do processo de interação verbal instaurado no momento de realização das entrevistas, o que os enunciados-discursivos desses profissionais revelam no tocante ao uso do *Facebook*. Definimos, assim, as duas perguntas desta pesquisa: 1) O que os professores de língua portuguesa fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem)? 2) O que os enunciados-discursivos dos professores revelam no que diz respeito ao uso do *Facebook*? A partir da observação, categorização e triagem da primeira parte do nosso *corpus*, estabelecemos três categorias de análise: a) a rede como lugar da gramática; b) a rede como lugar das interações sociais e, c) a rede como lugar das interações afetivas. A segunda fase dessa pesquisa, cujo *corpus* é constituído de trechos transcritos de gravações em áudio, nos levaram a duas possibilidades de discursos que revelam: a) reconhecimento do potencial pedagógico da rede e, b) resistência ao uso da rede. Para uma fundamentação teórica compatível com a complexidade e as múltiplas facetas do nosso objeto de estudo, as vertentes teórico-metodológicas mais relevantes para essa investigação foram aquelas delineadas pela perspectiva sócio-histórica envolvendo o caráter enunciativo e discursivo da linguagem de Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]), com foco na interação verbal, além de buscarmos amparo em áreas afins como a Pedagogia e a Comunicação, trazendo para discussão os postulados de autores como Pozo (2002), Recuero (2009), Demo (2009), Tardif e Lessard (2009), Kirkpatrick (2011) entre outros. No que se refere à primeira pergunta de pesquisa foi possível diagnosticar que os professores utilizam, com predominância, o *Facebook* em sua forma mais inerente e genuína: interagindo socialmente, o que demonstra a função social da rede, na qual os professores se entrelaçam em relações sociais ora com seus pares, ora com seus alunos. Quanto à segunda pergunta, averiguamos que os enunciados-discursivos dos professores oscilam entre o reconhecimento em adotar a rede social no ambiente escolar e a resistência em termos de realização de um trabalho efetivo com a linguagem, sob alegações como a falta de formação, o fato de a rede distanciar os alunos dos conteúdos escolares que precisam ser lecionados, bem como a preferência em manter o distanciamento entre vida pública e privada, resguardados, assim, todos os aspectos da privacidade.

Palavras-chave: *Facebook*. Professores de língua portuguesa. Trabalho com a língua/linguagem.

ABSTRACT

Social network websites, socially consolidated as socio-interactive spaces, allow not only the effectiveness of interactive activities, but also the appearance and consolidation of legitimate social practices that are necessarily pervaded by the use of multiple languages. Among these recent and particular socio-interactive practices, one of them caught our attention and instigated us to develop this research: the practices of Portuguese teachers on Facebook. Recalling the recent insertion of these professionals in these environments, our general objective is to investigate how teachers use Facebook in regard to their teaching object (tongue/language). For such, we aimed to describe and interpret this doing by systematically observing their publications, as well as analyzing publications from pages aimed to this public, in the period comprehended between December 2012 and May 2013, and also interpreting, via the verbal interaction process made possible during the interviews, what these professionals' discursive enunciations reveal about their use of Facebook. This way, we defined the two questions of this research: 1) What do Portuguese teachers do on the network regarding their teaching object (tongue/language)? 2) What do the teachers' discursive enunciations reveal about their use of Facebook? From the observation, categorization and triage of the first part of our *corpus*, we established three analysis categories: a) the network as a grammar space, b) the network as a social interaction space, and c) the network as an affective interaction space. The second phase of this research, whose *corpus* constitutes of transcribed pieces from audio recordings, brought us to two discourse possibilities that reveal: a) acknowledgment of the network's pedagogical potential, and b) resistance to using the network. For a theoretical foundation compatible with the complexity and multiple facets of our study object, the theoretic-methodological works most relevant for this investigation were those that had a socio-historic perspective, comprising the enunciative and discursive language features of Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]), focusing the verbal interaction, as well as searching for aid in similar areas such as Pedagogy and Communication, bringing to the discussion postulates from authors such as Pozo (2002), Recuero (2009), Demo (2009), Tardif and Lessard (2009), Kirkpatrick (2011), among others. In regard to the first research question, we noticed that teachers predominantly use Facebook in its more inherent and genuine form: socially interacting, which showcases the network's social function, via which teachers intertwine in social relationships both with their colleagues and their students. Regarding the second question, we observed that the teachers' discursive enunciations fluctuate between acknowledging the adoption of the social network in the school environment, and resisting the implementation of an effective work with language, claiming that they don't have the proper training, that the network distances the students from school themes that need to be taught, and that they prefer to keep some distance between their public and private lives, maintaining, thus, all aspects of their privacy.

Key words: Facebook. Portuguese teachers. Tongue/language work.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Agrupamento dos professores conforme perfis e páginas no <i>Facebook</i>	25
QUADRO 2 - Perguntas norteadoras da entrevista semi-estruturada.....	30
QUADRO 3 - Categorias de análise (Parte 1).....	56
QUADRO 4 - Opções curtir, compartilhar e comentar referente às duas primeiras publicações (categoria 1).....	62
QUADRO 5 - Números referentes às opções curtir, compartilhar e comentar das três publicações (categoria 1).....	65
QUADRO 6 - Números referentes a todas as publicações analisadas (categoria 1).....	68
QUADRO 7 - Números das interações realizadas nas duas primeiras publicações (categoria 2)..	77
QUADRO 8 - Números referentes às interações ocorridas nas três publicações (categoria 2).....	79
QUADRO 9 - Interações realizadas nas duas últimas publicações (categoria 2).....	84
QUADRO 10 - Número de interações reativas e mútuas nas últimas publicações (categoria 3)....	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação compartilhada por professor sobre verbos.....	57
Figura 2 – Publicação da página Língua Portuguesa “acerca de”.....	61
Figura 3 – Publicação da página Gramaticando sobre crase.....	64
Figura 4 – Publicação da página Gramaticando sobre “a gente” e “agente”.....	67
Figura 5 – Publicação “a flôr de zíaco”.....	70
Figura 6 – Publicação “escolas de samba x escolas públicas”.....	73
Figura 7 – Publicação “minha sala de aula é um hospício”.....	75
Figura 8 – Publicação “correção de provas e redações”.....	78
Figura 9 – Publicação “alunos desesperados”.....	81
Figura 10 – Publicação da página Professor por vocação.....	83
Figura 11 – Publicação “sucesso na redação do ENEM”.....	87
Figura 12 – Publicação “reescrita coletiva”.....	90
Figura 13 – Publicação “#Alessandradevolta”.....	92
Figura 14 – Publicação “produção de artigo de opinião”.....	95
Figura 15 – Publicação “Todos os santos”.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – O uso das redes sociais em números.....	104
------------------------------------------------------------	------------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – DELINEANDO O PERCURSO MÉTODO LÓGICO	20
1.1 Natureza da pesquisa.....	20
1.2 Contexto de geração dos dados.....	23
1.3 Procedimentos de coleta.....	25
1.4 Instrumentos implicados na coleta de dados.....	27
1.5 Sistematização dos dados e explicitação das categorias de análise.....	28
CAPÍTULO 2 – AS BASES TEÓRICAS DO ESTUDO	34
2.1 O Facebook e as implicações para uma cultura de rede.....	34
2.1.1 Interação e Laços Sociais.....	37
2.1.2 Visibilidade, Reputação, Popularidade, Autoridade.....	41
2.2 A língua/linguagem no Facebook.....	45
2.2.1 Multimodalidade: as possibilidades de uso da linguagem.....	49
2.2.2 O processo de interação verbal.....	52
CAPÍTULO 3 – O FAZER DOCENTE EM REDE E SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS	56
3.1 O uso do Facebook pelos professores de língua portuguesa.....	56
3.1.1 Publicações: a rede como lugar da gramática.....	57
3.1.2 Publicações: a rede como lugar das interações sociais.....	72
3.1.3 Publicações: a rede como lugar das interações afetivas.....	85
3.2 Os enunciados dos professores em relação ao uso do Facebook.....	100
3.2.1 Tempo de uso e frequência de acesso à rede social.....	101
3.2.2 Interação com os alunos.....	104
3.2.2.1 Enunciados reveladores de reconhecimento no tocante ao critério interação com os alunos.....	105
3.2.2.2 Enunciados reveladores de resistência no tocante ao critério interação com os alunos.....	107
3.2.3 Trabalho com a língua/linguagem.....	109
3.2.3.1 Enunciados reveladores de resistência no tocante à viabilidade do trabalho com a linguagem através do <i>Facebook</i>	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE	124
Termo de consentimento.....	125

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, o homem sentiu a necessidade de comunicar-se, de interagir, de exprimir ideias, sentimentos, deixar marcado fatos e momentos importantes da sua vida em sociedade. A forma mais rudimentar de concretização desses desejos pôde ser encontrada nas escritas pré-históricas das paredes das cavernas, quando essa era uma das poucas maneiras de registrar seu pensar e seu viver. E assim foi. Mas, a humanidade, ao longo dos tempos, cuidou de ampliar essas possibilidades à medida que as necessidades sociais e culturais também evoluíam. Dos muros rupestres ao texto impresso, “foi um passo”. Do tipográfico ao hipertexto, “apenas um click”.

A influência da internet, sem a qual conseguiríamos imaginar a vida moderna em sociedade, contribuiu significativamente neste processo de evolução da comunicação/interação e da busca pela informação, atendendo com mais presteza às necessidades de outrora. Podemos imaginar a vida sem computadores? Como sair de casa sem antes checar a caixa de emails? Como ir a um lugar sem anunciar aos amigos para onde se vai? Como não deixar registrado nas redes sociais a sua indignação, o seu protesto?

Na Era do Conhecimento, na qual *inclusão digital*, “*Sociedade da Informação e da Aprendizagem*” – no dizer de Pozo (2002) – são as palavras de ordem, é a internet a mola propulsora para o desenvolvimento econômico, social, cultural e educacional e, desta realidade, não há como permanecer imune, nem nós, nem a escola.

No entanto, parece-nos que a instituição escolar e os que a fazem caminham na contramão da cultura tecnológica, ora minimizando, ora desprezando os impactos desta para o processo de ensino e aprendizagem. Sem o intuito de encontrar culpados os motivos que levam a esta atitude são dos mais variados, e no dizer de Palfrey e Gasser (2011, p. 18) “os professores se preocupam com o fato de eles próprios estarem em

descompasso com seus alunos Nativos Digitais, que as habilidades que eles têm ensinado no passado estejam se tornando perdidas ou obsoletas [...]”.

É considerando legítima essa constatação que, de fato, iniciamos o delineamento da nossa pesquisa¹. Em virtude do grande fenômeno representado pelas redes sociais na internet, sobretudo o *Facebook*, que atualmente mobiliza milhares de usuários, principalmente jovens e adolescentes, urge refletirmos: ora, diante de professores novatos no ambiente digital, é possível conceber uma ideia de trabalho com a língua/linguagem que ultrapasse o ambiente da sala de aula e reverbera significativamente os seus efeitos em plataformas digitais como o *Facebook*? Dizendo de outra forma: que condições o potencial interativo desta rede promove para o uso da língua/linguagem?

Algumas pesquisas realizadas fora do âmbito nacional parecem antecipar alguns resultados e trazer à luz algumas considerações pertinentes para nortear os questionamentos ora apresentados.

A pesquisa de Mazer, Murphy e Simonds (2009) é bastante fecunda no sentido de revelar que os perfis de professores no *Facebook* repletos de informações pessoais geram motivação prévia nos alunos, aprendizado afetivo e maior credibilidade para o professor, implicando, assim, relações mais estreitas entre aprendizes e mestres, relações estas que, notadamente, ultrapassam o ambiente virtual e ecoam no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, acreditamos na urgência e relevância da nossa pesquisa, uma vez que *mister* se faz pensar em novas formas, novas possibilidades pedagógicas que viabilizem e promovam uma interação cada vez mais significativa entre professores e alunos, rompendo com as estruturas hierárquicas próprias do ambiente da sala de aula – que, por vezes, interferem no processo de ensino e aprendizagem.

¹ A pesquisa realizada foi submetida, apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética sob o número CAEE: 17785413.4.0000.5182.

Além disso, ao contrário de tantas outras realizadas no Brasil, como as de Coracini (2011), Leal (2007), Fontes (2007), entre outros, que privilegiam o estudo dos gêneros *blog*, *chats*, respectivamente, e cujo foco principal de análise é o aluno, esta pesquisa procura dar visibilidade ao professor, a fim de refletir sobre o uso do *Facebook*, originalmente criado com fins puramente sociais, bem como sobre a possibilidade de sua incorporação nas situações interacionais para o desenvolvimento de um trabalho pautado no efetivo uso da linguagem.

Vale ainda salientar que esta pesquisa lida diretamente com essa diversidade das tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs), dificilmente contempladas pela prática pedagógica que, até pouco tempo, estava cristalizada numa única perspectiva, privilegiando apenas um tipo de texto e de registro linguístico, o que reforçava sua atitude de indiferença, ante as novas realidades, e de desvínculo das inúmeras e ininterruptas transformações linguísticas e culturais que, diariamente, se efetuam na sociedade.

Embora a importância da inserção das mais diversas tecnologias já faça parte dos discursos que pairam no âmbito educacional, a fim de que estas estejam presentes e se efetivem, de fato, na prática pedagógica, as redes sociais, sobretudo as mais recentes, ainda não têm sido exploradas pedagogicamente nesse universo.

Em contrapartida, uma recente pesquisa² realizada por um portal norte-americano aponta que 80% dos estudantes preferem utilizar as redes sociais *Facebook* e *Twitter* para obter informações, inclusive, recorrendo a estas para produzirem seus trabalhos escolares.

Neste ínterim, corrobora-se mais uma vez a importância da inserção dessas ferramentas, por parte dos docentes, para o desenvolvimento de um trabalho com a língua/linguagem, uma vez que os discentes já as elegeram como fontes primordiais e diárias na busca pela informação e conhecimento, além, é claro, de um essencial meio de interação.

² A referida pesquisa foi noticiada pelo site < noticias.universia.com.br > em 27 de julho de 2013. Acesso em: 29 de julho de 2013.

Diante do exposto e da realidade das redes sociais na contemporaneidade, propomos, neste estudo, responder às seguintes questões:

- a) O que os professores de língua portuguesa fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/ linguagem)?
- b) O que os enunciados-discursivos dos professores revelam no que diz respeito ao uso do *Facebook*?

Estabelecemos, portanto, como objetivo geral, investigar o uso que fazem os professores da rede social *Facebook* sobre seu objeto de ensino (língua/linguagem). Especificamente, objetivamos:

- a) descrever e interpretar sobre o que os professores fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (língua/linguagem);
- b) identificar e discutir o que os enunciados proferidos pelos professores revelam em relação ao uso do *Facebook*.

As vertentes teórico-metodológicas mais relevantes para a nossa pesquisa serão aquelas delineadas pela perspectiva sócio-histórica envolvendo o caráter enunciativo e discursivo da linguagem de Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]), – com foco na interação verbal – além de buscarmos amparo em áreas afins como a Pedagogia, a Comunicação entre outras, na tentativa de construirmos um arcabouço teórico compatível com a complexidade e as múltiplas facetas próprias do nosso objeto de estudo, inserido no âmbito da Linguística Aplicada.

Lançaremos mão, ainda, dos ensinamentos de autores como Laraia (2001) com sua vertente sobre a concepção de cultura; Lévy (1999) e sua contribuição com os primeiros estudos sobre a cibercultura; Sibilia (2003) que discute o imperativo da autoexposição evidenciada, sobretudo, a partir da era digital; Lemos (2010), a partir de um olhar atual e complementar sobre a cibercultura; Recuero (2009), ao contemplar um amplo estudo sobre as redes sociais na internet, privilegiando o aspecto estrutural, a

“arquitetura” destas; Kirkpatrick (2011), ao (re)construir os bastidores da história do *Facebook*;

Ainda embasaremos nosso construto teórico em Pozo (2002), uma vez que problematiza os desafios impostos aos mestres e aprendizes pela chamada “nova cultura da aprendizagem”; Demo (2009) que oportuniza discussões relevantes sobre o papel essencial dos professores na nova era digital; Mazer, Murphy e Simonds (2009) ao contribuírem no sentido de vislumbrar uma possível interface entre rede social – especificamente o *Facebook* – e ensino; Tardif e Lessard (2009) ao contribuírem no sentido de demonstrar as peculiaridades do trabalho docente, ressaltando a sua interatividade; Oliveira (2010) mobilizando questões que levam os professores à reflexão sobre o trabalho com a língua portuguesa; Palfrey e Gasser (2011) levando-nos a entender melhor a primeira geração de “nativos digitais” e Rajagopalan (2013), ao discutir sobre os desafios do “internetês” para a Linguística.

No que diz respeito à multimodalidade, traremos contribuições de autores como Mayer (2001) que desenvolve a teoria cognitiva da aprendizagem multimídia; Dionísio (2008) ao apresentar discussões relativas aos gêneros multimodais e ao multiletramento; Rojo (2009; 2012) ao revelar em suas reflexões sobre os múltiplos letramentos que cabe “à escola potencializar o diálogo multicultural para dentro de seus muros” e Tavares (2013), que ao discutir sobre algumas práticas pedagógicas em EaD, aponta para a importância da “hipermodalidade” nesse contexto.

A presente dissertação encontra-se organizada em três capítulos, além da introdução, das considerações finais, das referências bibliográficas, dos anexos e apêndices.

No primeiro capítulo, Delineando o percurso metodológico, apresentamos a natureza e o tipo de pesquisa utilizados nesse estudo; descrevemos o *corpus*, bem como os instrumentos, os procedimentos adotados e outras especificidades metodológicas empregadas para a realização desse trabalho.

O segundo capítulo, As bases teóricas do estudo, apresenta--se organizado em dois grandes eixos que contemplam as implicações do Facebook para uma cultura de rede, bem como os aspectos atinentes à língua/linguagem utilizadas na referida rede social, além de contemplar todos os estudos realizados pelos autores já referenciados.

O terceiro capítulo, por sua vez, está organizado de forma a contemplar à análise e discussão dos dados. Para tanto, o dividimos em duas partes. Na primeira, identificamos e discutimos sobre o que os professores fazem no Facebook, por meio da criação e agrupamento das publicações captadas em três categorias; na segunda, refletimos sobre os enunciados produzidos pelos professores em relação ao uso desta rede social que, em princípio, nos remete a duas categorias, além de fazermos uma correlação entre os dados coletados na rede com aqueles obtidos através das entrevistas.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos as principais conclusões acerca do estudo realizado. Também corroboraremos a importância dos resultados apresentados e sua possível contribuição para pesquisas futuras.

CAPÍTULO I: DELINEANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

1.1 Natureza da pesquisa

Este estudo insere-se no campo da Linguística Aplicada, uma vez que propõe-se a investigar problemas relacionados à linguagem que tenham relevância social (MOITA LOPES, 2006). Dessa forma, as pesquisas realizadas nesta área levam em consideração as situações sociais vivenciadas pelos seres humanos, na tentativa de oferecer possíveis contribuições.

Ainda caracteriza-se como uma *pesquisa qualitativa*, em virtude da natureza multifacetada do objeto focado, que requer do pesquisador a lida com uma ampla variedade de práticas descritivas interpretativas interligadas, a fim de melhor compreender a temática que está sendo estudada.

Segundo os estudiosos Denzin e Lincoln (2006), o trabalho investido pelos pesquisadores qualitativos compara-se ao trabalho de um “confeccionador de colchas”, que “utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou matérias empíricas que estejam ao seu alcance” (BECKER, 1998 *apud* DENZIN; LINCOLN, 2006, p.18). Para os autores, havendo a necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam empregadas, assim o pesquisador o fará, mesmo que estas não tenham sido definidas, necessariamente, com prévia antecedência.

Nesse sentido, esta pesquisa enquadra-se nos moldes da perspectiva qualitativa por abordar e interpretar a realidade social do professor de língua portuguesa que faz uso do seu objeto de ensino (a língua/linguagem) para interagir nas redes sociais, além de dimensionar o fenômeno estudado em todas as suas nuances interligadas às práticas de uso da língua/linguagem, valendo-se de estratégias e métodos capazes de vislumbrar a complexidade e heterogeneidade do objeto estudado.

De acordo com os procedimentos de coleta de dados e fontes de informação, utilizamos como método/abordagem de pesquisa a *Etnografia*, que permite uma vivência na comunidade dos sujeitos pesquisados.

Como nos relembram Denzin e Lincoln (2006), esse método de pesquisa “nasceu de uma preocupação em entender ‘o outro’” (p.15), tendo suas fontes na Antropologia. Embora essa preocupação ainda seja legítima e fundamente os objetivos deste método ainda hoje, há de se perceber alguns deslocamentos históricos, teórico-metodológicos sofridos desde a etnografia clássica até a etnografia em sua acepção mais atual.

Em seu período clássico, afirmam que “o pesquisador de campo foi tratado como uma celebridade, transformado em uma figura exagerada que ia para o campo e dele retornava trazendo histórias sobre pessoas estranhas” (op.cit., p. 27). Tais estudiosos nomeiam esse período como o do “etnógrafo solitário” que, ao encontrar seu objeto de busca – o nativo de um país distante – retornava para casa com seus dados e redigia um relato objetivo da cultura estudada.

Além dos perceptíveis deslocamentos históricos ora mencionados, há que refletirmos sobre a perspectiva etnográfica nos níveis teórico-metodológicos, incluindo seus aspectos conceitual e epistemológico, como afirma Street (2010).

Segundo o autor, “para algumas pessoas, adotar uma perspectiva etnográfica [...] parece já pertencer à disciplina Antropologia. Alguns antropólogos vão dizer “Isso é nosso; Etnografia não pode ser de vocês”” (STREET, 2010, p. 45).

No entanto, para o estudioso, a Etnografia não pode pertencer a uma única e específica disciplina e ainda sustenta seu argumento afirmando: “quem atua em Educação ou Linguística não tem que ter medo de trabalhar com essa perspectiva como se pertencesse exclusivamente a outra área” (op. cit., p.46).

Além disso, os apelos atuais para uma ciência livre das “amarras” do paradigma positivista nos permite utilizar métodos com características e finalidades diversas

daquelas originalmente pretendidas: as crenças que circundavam a etnografia no período clássico não mais se concebem na contemporaneidade (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Assim, corrobora-se a ideia de que os velhos padrões não mais se mantêm. “As etnografias não produzem verdades intemporais” (op. cit., p. 28). O olhar lançado sobre “o outro” apenas revela uma das leituras interpretativas possíveis sobre determinada realidade.

É nesta perspectiva que Street (2010) revela a verdadeira essência de que deve estar imbuído o pesquisador/etnógrafo ao estudar uma cultura diversa da sua.

De forma ímpar, o autor utiliza uma narrativa fictícia (mais especificamente uma fábula, cujos personagens são a tartaruga e os peixes), para demonstrar que – apesar de ser uma atitude “natural” estudar uma outra cultura partindo da busca e da formação de parâmetros na tentativa de encontrar o que ela tem em comum com a nossa, inclusive chegando à conclusões, um tanto quanto precipitadas, de que elas não possuem nada em comum – o pesquisador/etnógrafo deve “parar de julgar *a priori* e buscar uma atitude mais investigativa” (STREET, 2010, p. 35.).

Ainda seguindo em suas reflexões, o autor afirma que “o letramento, nessa atividade comparativa, ainda permanece como uma das principais formas de descrição negativa de outras culturas” (Op.cit., p. 41).

Neste sentido, a pesquisa de abordagem ou tipo etnográfica³ do nosso estudo justifica-se pela necessidade em entender as peculiaridades nos modos de interagir dos sujeitos pesquisados, tendo em vista a utilização da rede social como subsidiadora de interações múltiplas, cuja essência está no uso da língua/linguagem.

³ A preferência pelo termo “tipo etnográfica” tem sua razão de ser. Na atualidade, há quem diferencie a pesquisa etnográfica das pesquisas do tipo etnográfica. Alguns estudiosos as distinguem em função do tempo que o pesquisador permanece em campo sendo, a Etnografia, capaz de compreender a cultura estudada de forma mais ampla. No entanto, para André (1995), apesar da pouca atualidade em relação ao tema, nas pesquisas do tipo etnográfica, o tempo que o pesquisador permanece em campo pode variar conforme os objetivos da pesquisa, a disponibilidade do pesquisador, o número de pessoas envolvidas no estudo etc.

Desta forma, clara se torna a opção por um método capaz de abordar o cotidiano dos professores pesquisados, onde as interações ocorridas via *Facebook* fazem parte de um contexto repleto de significados.

Torna-se relevante, ainda, que esclareçamos o contexto de geração dos dados, os sujeitos participantes, os instrumentos a serem utilizados nesta pesquisa, bem como a sistematização dos dados e as categorias de análise, os quais convergiram para responder às perguntas elencadas e atender aos objetivos pretendidos.

1.2 Contexto de geração dos dados

Na tentativa de uma recuperação fidedigna de como se deu o percurso metodológico realizado para esta investigação, acreditamos que o primeiro passo a ser resgatado são as perguntas motivadoras de nossa pesquisa, para então esclarecermos e justificarmos os sujeitos, os instrumentos e os dados coletados.

A priori, elencamos a seguinte pergunta: “O que os professores de língua portuguesa fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem)?”. A elaboração desta pergunta nos levou à pretensão de alcançar o seguinte objetivo: descrever e interpretar sobre o que esses sujeitos estão fazendo na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem).

Para responder e atender ao objetivo proposto foi necessário que a partir do acesso ao site www.facebook.com, ao qual já estamos filiadas e possuímos uma rede de contatos, - mais precisamente de amigos, para utilizarmos as expressões tal quão são denominadas pelo site da rede social – iniciamos um mapeamento dos professores que já faziam parte de nossa rede pessoal, para só assim chegarmos aos professores de língua portuguesa, estes sim sujeitos participantes da nossa pesquisa.

Notemos, em caráter de ressalva, que a observação destes perfis e, posteriormente, das páginas e grupos presentes no *Facebook*, tornou-se um procedimento essencial e eficaz para a consecução dos nossos objetivos, bem como

para as publicações/postagens que, posteriormente, seriam contempladas para a análise dos dados.

Além do mais, é preciso salientar que este tipo de observação possibilitou à ampliação da nossa rede inicial de contatos, bem como de páginas/grupos com os quais ainda não tínhamos acesso, por não conhecê-los.

Desta forma, o conceito de rede aqui adotado, em consonância com os postulados trazidos por Duarte (2002), que bebe na fonte de Bott (1976), assim define-se:

a rede é definida como todas ou alguma unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato” (p. 142). Trata-se, aqui de uma “rede pessoal” na qual existe um ego focal que está em contato direto ou indireto (através de seus inter-relacionamentos) com qualquer outra pessoa situada dentro da rede (BOTT, 1976 apud DUARTE, 2002, p. 142).

Para situar o nosso leitor, precisamos esclarecer que a origem da utilização do *Facebook* está na criação de um perfil ou página.

Quando página, temos um perfil público gerado pelo *Facebook* que permite a organizações, empresas, pessoas públicas ou qualquer pessoa que queira gerar conteúdo postar informações e dados a serem compartilhados. A opção “curtir” está em cada uma dessas páginas, dando acesso àqueles que se interessam pelo seu conteúdo, bem como os possibilitando ao acesso às atualizações de tais páginas em seu *feed de notícias*.

Quando perfil, temos características um pouco diversas das anteriormente citadas. A principal delas está relacionada ao fato da individualidade e da maneira como outras pessoas passam a fazer parte da lista de amigos de um usuário. Ao invés da opção “curtir” uma “solicitação de amizade” precisa ser enviada/recebida para que determinados usuários passem a fazer parte desta lista e tenham acesso às informações e publicações realizadas. Vale ainda ressaltar que, enquanto dono do seu perfil, o usuário

pode restringir suas publicações, tornando-as públicas para todos os seus “amigos” ou apenas para aqueles com quem realmente deseja compartilhar algo.

Desta forma, faz-se oportuno esclarecer que o *corpus* de análise desta pesquisa é composto por publicações expostas na *timeline* (linha do tempo) dos perfis de professores de língua portuguesa na rede social *Facebook*, bem como de páginas que, de forma singular, abordam questões ligadas ao ensino, à educação e ao uso de linguagens.

Ademais, constitui-se como *corpus* as entrevistas realizadas com os sujeitos participantes, cujo roteiro de perguntas norteadoras será detalhadamente apresentado no tópico dedicado à sistematização dos dados e categorias de análise.

1.3 Procedimentos de coleta

Retornando ao mapeamento realizado, faz-se oportuno ilustrarmos como ele foi feito: elaboramos um quadro agrupando os perfis dos professores e as páginas no *Facebook*, o que nos possibilitou uma visão ampla do material em rede que, de fato, detínhamos. A organização desse quadro permitiu, ainda, delinear alguns traços característicos desses professores, atendendo, metodologicamente, nosso interesse em obter peculiaridades sobre esses sujeitos, ampliando nossa visão sobre o *corpus* a ser construído.

Quadro 1: Agrupamento dos professores conforme perfis e páginas no *Facebook*⁴

Grupos	Perfis e páginas no <i>Facebook</i>	Quantidades de professores e páginas
GRUPO A	Corresponde aos perfis de professores graduados no curso de Letras por instituições de ensino superior estaduais e federais e que estão inseridos no mercado de	13 professores

⁴ Por questões éticas, optamos por não evidenciar no presente quadro os nomes dos sujeitos cujos perfis foram observados e cujas publicações são fontes de dados desta pesquisa. Apenas as páginas (ou grupos) observados, por serem de caráter público, constam no referido quadro.

	trabalho atuando como professores em escolas públicas estaduais ou municipais, tendo alguns deles experiência com o ensino em escolas particulares.	
GRUPO B	Corresponde aos perfis de professores graduados no curso de Letras por instituições de ensino superior estaduais e federais e que logo passaram a exercer atividades em programas de pós-graduação, sendo recém-ingressos no quadro de professores efetivos do Estado da Paraíba.	3 professores
GRUPO C	Corresponde aos perfis de professores de língua portuguesa em processo de formação inicial. Tendo alguns deles experiências profissionais/acadêmicas em programas (PIBIC, PIBID, PET, PosLE) oferecidos pelas próprias universidades federais ou estaduais das quais são oriundos, abrangendo ainda neste grupo aqueles graduandos que atuam em sala de aula independentemente de qualquer vínculo com as suas respectivas universidades.	6 professores
GRUPO D	Correspondente aos professores em atuação nas instituições de ensino superior (esferas estaduais e federais) em cursos de graduação em Letras.	5 professores
GRUPO E	Correspondente aos perfis de professores graduados em Letras, com habilitação em línguas estrangeiras, atuantes nas escolas públicas/particulares e/ou inseridos em cursos de pós-graduação.	9 professores
GRUPO F	Correspondente a paginas criadas com objetivos voltados ao compartilhamento de informações e experiências relacionadas ao ensino de língua portuguesa e a educação de forma geral.	10 páginas: - Língua Portuguesa; - Nas trilhas da Língua Portuguesa; - Profissão Professor; - Professor por vocação; - Professora Indelicada; - Literatura Afrodescendência - "Raul Argumentar"; - Dicas de Português - SOS Online; - Gramaticando; - Proverbiando

A exposição do quadro 01 revela que detínhamos 5 grupos de professores, distintos por suas características e representados por seus respectivos perfis no *Facebook* (agrupados entre A e E) e 1 grupo correspondente à 13 páginas, agrupadas no grupo F.

Realizado este mapeamento, demos prosseguimento ao processo de escolha/seleção dos perfis e páginas que seriam analisados e, em caráter definitivo, elegemos aqueles representados no quadro pelos **grupos A, B, C e F**, por atenderem de forma mais eficaz aos nossos propósitos: *a priori*, por esclarecer nosso objeto de estudo; em seguida, por serem os professores selecionados àqueles que trabalham efetivamente com a língua portuguesa e utilizam a linguagem das formas mais diversas, já que estão inseridos em âmbitos sociais e culturais que requerem múltiplas práticas de letramento.

Vale ressaltar, no entanto, que a quantidade de professores expressa no quadro acima não implica na necessária inclusão de todas as suas publicações como *corpus* de análise para a pesquisa ora empreendida, nem tampouco como sujeitos entrevistados, como explicaremos melhor nos tópicos seguintes. O mesmo se aplica para as referidas páginas.

1.4 Instrumentos implicados na coleta de dados

Definidos os grupos, passamos a verificar o que esses sujeitos faziam na rede; isso implicou em um trabalho exaustivamente desenvolvido no sentido de observar as publicações feitas por esses professores ou realizadas em páginas relacionadas ao uso da língua/linguagem e a educação de uma forma mais abrangente, não se conhecendo necessariamente a autoria das mesmas, uma vez que a própria dinâmica do *Facebook* conduz a uma autoria diluída, compartilhada, em que prevalece uma produção colaborativa.

Vale ressaltar, ainda, que o período de **observação sistemática** das publicações realizadas na *timeline* dos perfis dos professores e nas referidas páginas teve uma

duração de cinco meses, compreendidos entre dezembro de 2012 e maio de 2013. Durante esse período, elegemos três dias da semana (segunda, quarta e sexta-feira) para procedermos com as observações em rede, tendo cada uma delas duração de 1 hora.

Para cada publicação/postagem observada, foram feitos *printscreens* para que as informações não se perdessem ou mudassem durante a realização da análise.

Além das publicações, compostas por imagens, textos, verificamos os comentários gerados a partir delas, fontes legítimas de interações *online*, bem como o número de “compartilhamentos” realizados e as “curtidas”.

Assim como Recuero (2009), ao ancorar-se nos estudos realizados por Primo (2003), que estabelece uma tipologia para tratar com a interação mediada por computador, acreditamos que as opções “compartilhar” e “curtir” estão relacionadas às **interações reativas**. Embora sejam estas “limitadas” às funções de clicar em botões pré-existentes nos sites das redes sociais, podemos dizer que elas têm impacto social, já que geram reflexos nos dois lados da relação comunicativa/interativa.

Os comentários, por sua vez, definem-se como **interações mútuas**, sendo aquelas “caracterizadas por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente” (PRIMO, 2003 *apud* RECUERO, 2009, p. 32).

Nesse sentido, pudemos depreender que, de uma forma ou de outra, todas as interações sociais mediadas por computador será sempre uma interação mútua, dialógica, conforme corroborado pelos autores mencionados.

1.5 Sistematização dos dados e explicitação das categorias de análise

A **observação sistemática** de todo esse conjunto de dados nos rendeu um *corpus* bastante amplo, nos permitindo elencar algumas categorias de análise, capazes

de responder à primeira pergunta de pesquisa: “O que os professores de língua portuguesa fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem)?”.

À medida que foram sendo armazenadas no nosso computador por meio dos *printscreens*, organizamos o uso da rede em três categorias que evidenciam: **a) a rede como lugar da gramática; b) a rede como lugar das interações sociais; e, c) a rede como lugar das interações afetivas**, visto que a rede social ocupa um lugar de atividades linguísticas-discursivas que confluem em ações que congregam posturas didático-pedagógicas revelando-se, inclusive, como ações políticas, considerando que fazer uso da linguagem é mostrar-se como sujeito político.

A primeira categoria aponta para ações didáticas manifestadas a partir de imagens, textos publicados ou compartilhados por professores de língua portuguesa, cujas peculiaridades já foram demonstradas no quadro 1, que utilizam o *Facebook* para socializar dicas gramaticais sobre a língua materna, isto é, compartilhar assuntos gramaticais. A essa categoria estimam-se cerca de 30 publicações.

A segunda categoria aponta para ações essencialmente políticas manifestadas por meio de imagens, textos publicados ou compartilhados com finalidades diversas, dentre elas: criticar/denunciar o sistema educacional brasileiro, refletir sobre o papel social do professor e da escola, propor melhorias na formação (sobretudo, na remuneração) dos professores entre outras, isto é, os professores, de fato, utilizam a língua/linguagem discursivamente. Nesta categoria enquadram-se cerca de 60 postagens.

Por fim, a terceira categoria aponta para ações pedagógicas que se revelam por meio de textos, imagens publicadas pelos professores no intuito de interagir, mais especificamente, com seus alunos, trazendo mensagens de incentivo, lembretes de atividades, mensagens que alertam para o não comparecimento dos alunos às aulas etc. Aqui, agrupam-se, em média, 18 postagens.

Vale salientar, portanto, que tais categorias estão baseadas teoricamente nos estudos mais amplos sobre a interação, sobretudo naqueles ancorados por uma perspectiva dialógica da linguagem proposta por Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]).

Para responder à segunda pergunta-problema e a consecução do objetivo ora elencado, realizamos **entrevistas semi-estruturadas**, a fim de compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos pesquisados ao valerem-se da rede social *Facebook*, por meio da linguagem, como mediadora de interações múltiplas.

Segundo Moreira e Caleffe (2008, p. 183), “uma das vantagens da entrevista semi-estruturada é a reduzida possibilidade de o pesquisador influenciar de modo a trazer tendenciosidade na entrevista” e, que no nosso caso, também se mostrou eficaz por possibilitar um diálogo, além de não tendencioso, espontâneo, uma vez que novas perguntas surgiam a partir dos assuntos livremente elucidados pelos professores.

Para ilustramos as perguntas norteadoras que basearam nossas entrevistas, elaboramos um quadro que passamos a expor:

Quadro 2: Perguntas norteadoras da entrevista semi-estruturada

- | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ol style="list-style-type: none">1. Professor (a), há quanto tempo você faz uso do Facebook?2. E com que frequência costuma acessar sua rede social?3. Ela é a única que você utiliza?4. Falando agora especificamente do <i>Face</i>, por que você mantém em sua rede de contatos/amigos, os seus alunos?5. Você interage com todos eles? Como procede: compartilha, curti, comenta?6. Você acha que o <i>Face</i> pode ser usado para explorar o trabalho com a língua/linguagem? Pode contribuir? De que maneira?7. Acredita que esta rede social poderá ser explorada no ambiente escolar? De que forma? |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O respectivo roteiro de entrevista foi elaborado de modo a contemplar três principais aspectos: 1) tempo de uso e frequência de acesso à rede social; 2) interação com os alunos; 3) trabalho com a língua/linguagem a partir do Facebook.

Definidas às perguntas, demos prosseguimento ao nosso trabalho entrando em contato com os sujeitos eleitos para a realização das entrevistas. Esses contatos foram estabelecidos via “bate-papo”, ferramenta de interação no *Facebook* que possibilita a troca de mensagens online ou off-line.

Vale salientar que, apesar da disponibilidade demonstrada pelos sujeitos em participarem da entrevista, enfrentamos alguns entraves para a sua real efetivação, uma vez que as reduzidas possibilidades de tempo dos participantes impediram que as entrevistas fossem feitas com certa celeridade.

Outro ponto que merece destaque diz respeito aos critérios utilizados para seleção dos sujeitos entrevistados: 1) aqueles professores que ao longo do período de observação sistemática dos perfis no *Facebook* demonstraram utilizar a rede com maior frequência e intensidade; 2) aqueles sujeitos cujo contato fosse mais acessível. Por esses critérios, inicialmente elegemos 5 (cinco) sujeitos.

No entanto, para a escolha de outros sujeitos - inicialmente não contemplados pelos critérios acima expostos - cujas entrevistas fornecessem informações essenciais, foi necessário que optássemos pelo sistema de rede,

no qual se busca um ‘ego’ focal que disponha de informações a respeito do segmento social em estudo e que possa ‘mapear’ o campo de investigação, ‘decodificar’ suas regras, indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio e sugerir formas adequadas de abordagem (BOTT, 1976 *apud* DUARTE, 2002, p.142).

Levando em consideração o então sistema de rede, mais 1 (um) sujeito passou a incorporar o corpo docente de entrevistados, especificamente por três critérios básicos: a) possuía um perfil na rede social *Facebook*, ao qual tínhamos acesso irrestrito; b) possuía um grupo criado na mesma rede – do qual só tomamos conhecimento a partir das informações fornecidas por outro sujeito anteriormente entrevistado – com o objetivo de divulgar o trabalho com provérbios, desenvolvido em uma turma de 9º ano de uma escola

estadual localizada em nossa cidade; c) o acesso ao entrevistado não seria um fator complicador, já que o mesmo reside e trabalha em nossa cidade.

Vale ainda ressaltar, assim como o faz de forma esclarecedora a autora Duarte (2002), que o conceito de rede tem sido usado com diversas finalidades e, na presente pesquisa, adotamos não apenas em relação aos critérios para seleção dos sujeitos entrevistados, mas na pesquisa em sua totalidade, como já demonstrado.

Sendo assim, as entrevistas com os participantes eleitos levaram cerca de dois meses, entre junho e julho do corrente ano, para serem concretizadas. Em média, o tempo das entrevistas variava entre 15 e 25 minutos.

Os resultados obtidos a partir da realização dessas entrevistas possibilitaram responder à segunda pergunta norteadora dessa pesquisa: o que os enunciados-discursivos dos professores revelam no que diz respeito ao uso que fazem do Facebook?, sinalizando, *a priori*, para duas possibilidades de discursos que revelam: **a) reconhecimento do potencial pedagógico da rede** e, **b) resistência ao uso da rede**.

A primeira categoria aponta para os enunciados-discursivos proferidos pelos docentes no sentido de reconhecerem a importância e a possibilidade de realização de um trabalho que contemple o uso da linguagem através do *Facebook*, bem como admitem ser um espaço propício para fortalecer as interações com os seus alunos.

A segunda categoria, por sua vez, aponta para os enunciados que se articulam de modo a contemplarem dimensões que ora “flutuam” no universo do reconhecimento, ora no da resistência, uma vez que os professores apesar de afirmarem ser o *Facebook* uma ferramenta cuja incorporação no ambiente escolar para o trabalho com a linguagem seja relevante, são categóricos no sentido de dizer que não sabem como realizar este trabalho por não terem formação suficiente, por não gostarem de ter sua vida pessoal exposta para seus alunos etc.

Ademais, vale ressaltar que apesar da máxima tentativa em realizar as entrevistas seguindo os padrões inicialmente estabelecidos, tínhamos em mente que o caráter

múltiplo da interação e “sabendo que a situação mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, e por assim dizer, a partir do seu interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997 [1929], p. 113), estávamos cientes de que o percurso traçado poderia sofrer outros desdobramentos, no momento em que assuntos diversos pudessem ser suscitados, permitindo que novas questões fossem elaboradas a partir da demanda emergente.

Desafios à parte, acreditamos que o presente instrumento mostrou-se eficaz na medida em que proporcionou o contato face a face com os professores, uma vez que a pesquisa ora empreendida aconteceu, em toda sua primeira fase, na rede social *Facebook*, daí a necessidade expressa de eleger um instrumento que, na segunda fase, aproximasse de nós esses sujeitos, com seus posicionamentos, suas angústias, suas inquietações, suas experiências.

Ademais, e de acordo com os postulados trazidos pela Linguística Aplicada – em uma perspectiva sócio-histórica, como proposta por Rojo (2006) – em pesquisas como esta realizada, temos um compromisso com os sujeitos pesquisados, com suas singularidades. Portanto, ao assumirmos o papel de pesquisadores, surge com ele a necessidade de buscarmos instrumentos de pesquisa capazes de vislumbrar todos estes aspectos.

Neste sentido, reafirmamos a importância dos dados gerados a partir dos discursos proferidos por esses sujeitos, que nos revelaram novos conhecimentos e novas formas de construção sobre as coisas do mundo – diferentes dos sentidos atribuídos pelo pesquisador. Assim, nasce para o pesquisador “a necessidade de construir uma escuta que acolha e interprete os enunciados, garantindo uma postura ética e responsável diante dos sujeitos e de suas histórias” (SOUZA, 2011, p. 22).

CAPÍTULO II: AS BASES TEÓRICAS DO ESTUDO

2.1 O Facebook e as implicações para uma cultura de rede

Aprioristicamente cabe-nos incitar nossas primeiras reflexões para este capítulo indagando: afinal, o que garante ao *Facebook* tamanho sucesso desde os primórdios da sua criação?. Na tentativa de traçarmos um percurso que leve às possibilidades de respostas, passaremos a partir de então a expor as origens da criação desta rede social na internet e, sequencialmente, tentaremos apreciar suas implicações para uma nova cultura de rede: a chamada cibercultura⁵.

A rede social, conhecida inicialmente como *The Facebook*, foi criada pelo estudante da Universidade de Havard, Mark Zuckerberg, juntamente com três outros integrantes, dos quais um deles é brasileiro, Eduardo Saverin, no ano de 2004. *The Facebook* era o nome dado ao livro que a universidade mantinha com as fotos dos alunos para facilitar a identificação e o reconhecimento dos mesmos.

O *site* foi criado inicialmente com o intuito pouco ambicioso de conectar os alunos daquela universidade, mas em pouco tempo, devido ao sucesso da iniciativa daqueles jovens, ganhou proporções homéricas, expandindo-se para além dos muros daquela instituição, atingindo milhares de usuários em poucos meses, continuando em plena ascensão até hoje.

Prova disso são os quase 1 bilhão de usuários e cerca de 3 bilhões de postagens diárias, segundo aponta dados da Revista Ciência Hoje⁶, com publicação em janeiro/fevereiro de 2013. No Brasil, o *Facebook* atingiu em 2012 o recorde de pessoas

⁵ Termo amplamente difundido por estudiosos como Pierre Lévy (1999) e depois amplamente reiterados por sucessores como André Lemos (2010).

⁶ A referida revista é de divulgação científica da SBPC e está publicada sob o número 300 , volume 50.

conectadas à internet: 83,4 milhões, e passou a ser o quinto país entre os mais conectados do mundo⁷.

Essa história sobre o surgimento do *Facebook* como *site* de rede social foi retratada no filme *A Rede Social*, bem como no livro intitulado *O Efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo*, cuja autoria é de David Kirkpatrick (2011).

Em nossa pesquisa, observamos o *Facebook* sob um novo olhar. Assim, nos propomos a tratar sobre como o Facebook está inserido hoje no cotidiano das pessoas e nos contextos mais diversos, gerando transformações culturais intensas, sobretudo no que diz respeito ao uso dessa rede pelos professores de língua portuguesa adaptando-a para contextos de interações múltiplas com seus alunos.

É neste viés, portanto, que podemos elencar algumas pesquisas já realizadas que se dedicam ao estudo do *Facebook* como uma rede social intensamente propensa à interação e afetividade entre professores e alunos, interferindo positivamente em suas relações extra virtuais. Neste sentido, trazemos à baila o que nos afirmam os autores Mazer, Murphy e Simonds:

A rede *Facebook* está sendo cada vez mais utilizada não apenas por estudantes, mas também por professores. A experiência do *Facebook* é bem diferente da de um docente num típico website da própria universidade – alunos e professores podem facilmente se comunicar uns com os outros com base em sua afiliação por meio do *Facebook*. O *Facebook* é uma rede social virtual altamente interativa [...] Alunos expostos a um professor com alto nível de autoexposição no *Facebook* relataram maiores níveis de motivação e aprendizado afetivo, e avaliaram a atmosfera da sala de aula de maneira mais positiva do que alunos que visualizaram um perfil de professor que continha autoexposições limitadas [...] (MAZER, MURPHY, SIMONDS, 2009, p. 176).

Ao comungarmos com as palavras dos autores demonstramos, com precisão, a forte tendência na atualidade em “quebrar” paradigmas em todos os âmbitos da sociedade, principalmente no sentido de repensar novas práticas de ensino em meio à

⁷ Pesquisa realizada pelo Ibope/NetRatings referente ao mês de setembro de 2012. Disponível em: <http://tobeguarany.com/internet_no_brasil>. Acesso em 06 de nov. 2012.

tensão entre o escolar e o social, sendo o último totalmente imerso aos apelos das novas tecnologias, as quais são influenciadoras diretas das mutações culturais.

Não há como negar, portanto, que a internet e as redes sociais são um aspecto intrínseco e constitutivo da vida social contemporânea desde o seu surgimento, modificando as relações e os comportamentos humanos, daí a necessidade de estudos cada vez mais recorrentes sobre estas e suas consequências. De maneira geral, como bem afirma Gadelha,

a **própria cultura** está sendo transformada por meio de novas relações e trocas estabelecidas pela **internet**. Dentre elas, pode-se destacar relacionamentos, a disseminação de informações e os novos aprendizados no manuseio e utilização de novas tecnologias (GADELHA, 2013, p. 33, grifos nossos) .

Considerando a vasta gama de concepções sobre cultura e longe de ser considerado um conceito unânime entre os estudiosos, reportamos o conceito às suas origens, na tentativa de chegarmos posteriormente ao que se entende por cibercultura.

Sob o véis antropológico, o primeiro conceito de cultura foi cunhado por Edward Tylor em 1981 que, segundo Laraia (2001, p. 35), “definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética”. Ainda que após esta conceituação inúmeras outras tenham surgido, inclusive seguidas de reformulações que a criticavam por ser muito abrangente, ainda hoje é uma definição aceita para os estudos culturais.

Com o surgimento da internet e a forte disseminação das novas tecnologias que proporcionam formas de relacionamento nunca vistas, bem como de diferentes maneiras de interação e circulação de informações, surgem os conceitos de cultura digital. Pierre Lévy (1999) e André Lemos (2010) tratam dessa cultura, nascida a partir de 1970 e suas novas práticas, como cibercultura.

Para os autores, a cibercultura pressupõe uma concepção anterior do conceito de ciberespaço, entendido como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão

mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 94), isto é, qualquer forma de interação/comunicação no espaço da internet.

Lemos (2010), por sua vez, afirma que o ciberespaço pode ser entendido sob duas perspectivas: a primeira, semelhante à de Lévy, e a segunda “como lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual)” (LEMOS, 2010, p. 128).

O autor ainda define: “o ciberespaço é, assim, uma entidade real, parte vital da cibercultura planetária que está crescendo sob os nossos olhos. Ele não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real” (LEMOS, 2010, p. 128). Faz-se necessário perceber, então, que a cibercultura é uma realidade perceptível que cresce em uma velocidade nunca antes vista ou experimentada pela nossa sociedade.

De modo complementar, o autor ainda observa:

O termo [cibercultura] está recheado de sentidos, mas podemos compreender a cibercultura como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica. [...] A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais (LEMOS, 2010, p. 11).

2.1.1 Interação e laços sociais

Um aspecto que merece destaque dentro da chamada cibercultura, ou cultura de rede é a forma como o processo comunicativo ou **interativo**, numa concepção mais pertinente para os estudos linguísticos que consideram a função da língua/linguagem além do mero ato comunicativo, ganha novos contornos.

Para Lemos (2010), o processo comunicacional passou por intensas modificações a partir do advento da internet. Apesar de ainda está em voga a concepção de que existia um emissor enviando mensagens para seu(s) receptor(es), a internet possibilitou que todos passassem a ser enunciadores e interlocutores, dentro de uma perspectiva enunciativa-discursiva, o que aumentou consideravelmente o fluxo de informações e conteúdos produzidos no ciberespaço.

Nesta perspectiva, Recuero (2009) concebe esses enunciadores e interlocutores como atores sociais, uma vez que estes passam a utilizar as redes sociais na internet de forma ativa, interagindo e produzindo seus próprios conteúdos (textos, imagens, vídeos), disseminando-os pela rede. Segundo ela, “os atores sociais atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 25).

Para melhor compreensão da afirmação acima, passamos a expor o que Recuero (2009) entende por interação e laços sociais. Para a autora, “a interação seria a matéria prima dos laços sociais” (RECUERO, op. cit, p. 30). Parsons e Shill (*apud* RECUERO, 2009) explicam que:

a interação compreende sempre o *alter* e o *ego* como elementos fundamentais, onde um constitui-se em elemento de orientação para o outro. A ação de um depende da reação do outro, e há orientação com relação às expectativas. Essas ações podem ser coordenadas através, por exemplo, da conversação, onde a ação de um ator social depende da percepção daquilo que o outro está dizendo (RECUERO, 2009, p. 30).

Neste sentido, podemos entender que a interação representa um processo sempre comunicacional. A interação é, portanto, para Recuero (2009, p. 31) “aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social”. Ainda segundo a autora, “a interação no ciberespaço também pode ser compreendida como uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem. Ela pode ser diretamente relacionada aos laços sociais ” (op.cit., p. 34).

Esses laços são definidos pela autora como:

a efetiva conexão ente os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social (RECUERO, 2009, p. 38).

Wellman (*apud* RECUERO, 2009), por sua vez, define-os:

Laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social – organiza os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito (RECUERO, 2009,p.38).

Esses laços, portanto, podem ser classificados, para Recuero (2009), como associativos ou dialógicos, dependendo do tipo de interação estabelecida pelos atores sociais. Havendo uma interação do tipo reativa, como por exemplo, a opção “curtir” ou “compartilhar” no *Facebook*, ou ainda decidir “responder à solicitação de amizade” implicam em laços associativos, ao passo que havendo uma interação mútua, como por exemplo, “publicar textos na linha do tempo”, “conversar no bate-papo” do *Face* implicam em laços dialógicos.

Outra classificação pertinente para tais laços é aquela proposta por Granovetter (*apud* RECUERO, 2009), que os dividem em: **laços fortes** e **fracos**. Os primeiros seriam aqueles caracterizados pela proximidade, pela intimidade e pela intenção em criar e manter uma conexão entre duas ou mais pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações mais frágeis, que não demonstram proximidade e intimidade.

Para Recuero (2009), um aspecto derivado da característica da força dos laços é que nem todos eles são recíprocos. Em caráter explicativo e exemplificativo, a autora afirma:

[...] é possível que um ator A considere B como seu melhor amigo (laço forte) e que B, em retorno, não considere A como uma pessoa tão próxima (laço mais fraco). Em geral, num grafo de uma rede social, todos os laços são representados por uma conexão de A para B (AB) e outro para a conexão de B para A (BA). Quando os laços que conectam dois indivíduos possuem forças diferentes nos dois sentidos (AB e BA), tratam-se de *laços assimétricos*. Já os laços são considerados *simétricos* quando têm a mesma força nos dois sentidos (AB e BA) [...] (op. cit., p. 42, grifos da autora).

Se, como visto, os laços podem ser classificados segundo o tipo de interação estabelecida entre os atores sociais, faz-se oportuno prestar alguns esclarecimentos a

esse respeito. A interação social, no âmbito do ciberespaço é permitida por uma gama de ferramentas e, em consequência, pode ser classificada de diferentes formas. Uma das classificações foi a que acabamos de expor acima: **interações reativas** e **interações mútuas**, assim entendidas:

[...] interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta (RECUERO, 2009, p.32)..

Como pode ser compreendido, o que distingue tais interações é o relacionamento mantido entre os agentes envolvidos no processo.

A interação social pode dar-se ainda de forma síncrona ou assíncrona (RECUERO, 2009). Essas formas remontam à diferença de lapso temporal causada pela mediação, atuando na expectativa de resposta de uma mensagem. Segundo a autora,

[...] uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata, estão ambos presentes (*online*, através da mediação do computador) no mesmo momento temporal (RECUERO, 2009, p. 32) .

No *Facebook*, por exemplo, podemos perceber uma interação síncrona quando os interagentes, ambos online, conversam por meio do “bate-papo”. Essa mesma ferramenta pode dar-nos a conotação de uma interação assíncrona, quando um dos interagentes não está online e o outro envia uma mensagem “inbox” na expectativa de ser respondido.

Outra forma de perceber uma relação assíncrona é quando um usuário publica no *Facebook* um texto, uma imagem e pode esperar algumas horas para que receba alguns comentários a respeito daquela publicação. Entretanto, dependendo do contexto, esse mesmo exemplo pode configurar-se como uma interação síncrona, onde a publicação será “curtida” ou comentada em fração de segundos.

Longe de querer ampliar ainda mais esses aspectos – apesar de serem essenciais para a análise dos nossos dados –, o que pretendemos discutir até aqui encaminha o leitor para o entendimento de que a cibercultura trouxe modificações/implicações significativas, especialmente no que diz respeito aos modos de interagir, veicular e criar conteúdos, ou seja, trouxe com ela a capacidade daqueles que estão imersos no ciberespaço de tornarem-se, de fato, atores sociais.

Essa possibilidade também é facultada aos docentes, sejam eles de língua portuguesa, inglesa, francesa entre outras, uma vez que os apelos da “geração Y” às novas tecnologias estão cada vez mais fortes, requerendo do professor uma mudança de pontos de vista, de metodologias para novas práticas.

2.1.2 Visibilidade, Reputação, Popularidade, Autoridade

Além dos já mencionados, outros fatores estão sendo trazidos pelo *Facebook* como implicadores para a cultura de rede (cibercultura). Segundo Recuero (2009), podemos elencá-los em quatro: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade.

Antes de discutirmos cada um desses fatores/aspectos, é preciso ressaltar que a cultura digital na qual estamos imersos é regida pela vontade – ou diríamos necessidade – das pessoas em estarem em constante exposição, em serem vistas. Ao que tudo indica, nunca se verificou em toda a história uma sociedade tão fortemente marcada pelo desejo de tornar pública suas ideias, seus relacionamentos, suas atividades diárias, sua vida.

Sibilia (2003) afirma que essa sede de querer ser visto está diretamente ligada a outro desejo/vontade: a de “bisbilhotar” a vida alheia, o que, segundo ela, acaba vencendo limites e fazendo com que a noção do que pode ser exposto com tranquilidade ganhe uma conotação bem diferente de privacidade.

Neste esteio de discussões, podemos ainda afirmar que a era digital em que atualmente estamos inseridos – a chamada Web 2.0 – proporciona aos seus usuários

uma quebra de limites entre o público e o privado, e essa ruptura tem trazido opiniões divergentes, ora favoráveis, ora desfavoráveis, acarretando debates cada vez mais acalorados.

Quando nos deparamos com opiniões favoráveis, o ponto alto dos argumentos gira em torno do potencial interativo que o ciberespaço possui, proporcionando uma série de estudos nas mais diversas áreas. Um bom exemplo disso é o recente artigo⁸ publicado pelos autores Brescia e Costa (2012) que, em consonância com alguns dos aspectos da nossa pesquisa, trabalham com as possibilidades pedagógicas do *Facebook*.

Os resultados da pesquisa apontam para direcionamentos opostos: enquanto os estudantes exprimem a necessidade de manterem-se conectados ao *Facebook* várias horas por dia, pretendendo buscar informações, interagir com colegas etc., os professores ainda utilizam seus perfis ou criam grupos de estudo de forma ainda tímida, pouco significativa. Esses grupos, quando criados, na maioria são restritos aos participantes, o que dificultou os pesquisadores em verificarem como acontecem (ou se acontecem) essas interações e se, de fato, os professores os utilizam de forma a contribuir pedagogicamente.

Em contrapartida, para os que acreditam na necessidade de uma imposição de regras dentro do ciberespaço, a estratégia é utilizar argumentos comprovando a demasiada prática de ilícitos nesse ambiente. Pedofilia, prostituição, violência são apenas alguns dos exemplos trazidos à baila quando o assunto são os sites de redes sociais na internet.

A esse respeito, faz-se oportuno registrar a recente pesquisa desenvolvida por Rodeghiero (2012), que culminou em sua dissertação de mestrado⁹ intitulada “Violência na internet: um estudo do *cyberbullying* no *Facebook*”. A autora procura demonstrar,

⁸ Artigo publicado no 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Comunidades e Aprendizagem em rede, disponível nos anais eletrônicos do evento sob o ISSN 1984-1175.

⁹ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pelotas.

através da análise de publicações (compostas de imagens e textos) no *Facebook*, sinais de violência contra negros, pessoas de baixo poder aquisitivo etc.

Sem perder de vista essas considerações, passamos agora a explicitar os conceitos basilares que intitulam o presente subtópico. O primeiro deles, a **visibilidade**, é entendido por Recuero (2009) como uma consequência das inúmeras conexões estabelecidas pelos atores sociais na rede, isto é, quanto mais conectados, maior o aumento de sua visibilidade. Em decorrência, “quanto mais conectado está o nó, maiores as chances de que ele receba determinados tipos de informação que estão circulando na rede e de obter suporte social quando solicitar” (RECUERO, 2009, p. 108).

A **reputação**, por sua vez, é compreendida por Recuero como:

[...] a percepção construída de alguém pelos demais atores e, portanto, implica três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos. O conceito de reputação implica diretamente no fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós (RECUERO, 2009, p. 109).

Neste sentido, podemos depreender que a reputação é um julgamento do outro, de suas qualidades; são as impressões/percepções construídas por um ator social a respeito dos demais. Partindo das noções de Goffman (*apud* RECUERO, 2009), reafirmaríamos o nosso entendimento ao dizer que:

a reputação de alguém seria uma consequência de todas as impressões dadas e emitidas deste indivíduo. A reputação, assim, pode ser influenciada pelas nossas ações, mas não unicamente por elas, pois depende também das construções dos outros sobre essas ações (p. 109).

Assim, um dos pontos-chave das redes sociais na internet está no fato de que os sistemas que as suportam permitem um maior controle das impressões que são dadas e emitidas (configurações de privacidade), auxiliando na construção da reputação, isto é, podemos dizer que as redes sociais na internet (sobretudo o *Facebook*) são potencialmente efetivas para a construção/delineamento dessas impressões.

O terceiro fator implicador seria a **popularidade** que não se confunde com a visibilidade, segundo Recuero (2009). A popularidade de um ator social no *Facebook* poderia ser aferida pelo número de “curtidas”, “compartilhamentos” que recebe ao realizar uma publicação em sua *timeline*¹⁰ ou ainda pelo número de amigos em sua lista. Já a visibilidade está relacionada apenas à capacidade dos atores sociais em se fazerem vistos, isto é, o simples fato de pertencerem ao *Facebook* já os tornam, de certa forma, visíveis.

A **autoridade** figura como uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores em relação a reputação daquele. Para esclarecermos melhor, utilizamos novamente as palavras de Recuero (2009, p. 113): “autoridade compreende também reputação, mas não se resume a ela. Autoridade é uma medida de influência, da qual se depreende a reputação”.

O número de amigos em um perfil no *Facebook*, por exemplo, poderia ser sintomático, também, da autoridade de um determinado ator social. No entanto, a autoridade de fato pode ser percebida através dos processos de difusão de informação na rede social e da percepção dos atores sobre os valores contidos nessas informações.

No tópico seguinte pretendemos expandir algumas das discussões já iniciadas, enfatizando como a rede social *Facebook* é capaz de realizar mutações culturais relevantes, sobretudo no tocante à língua/linguagem (em suas mais variadas manifestações), sendo elas um dos bens culturais mais importantes para as civilizações pós-modernas.

Ademais, tentaremos abordar essas questões numa perspectiva enunciativo-discursiva, trazendo à baila os estudos interacionistas pautados na teoria desenvolvida por Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]).

¹⁰ Conhecida no Brasil como linha do tempo, substituindo o termo “mural” anteriormente empregado.

2.2 A língua/linguagem no *Facebook*

O século XXI vem sendo expectador de uma verdadeira revolução na vida em sociedade com a inserção da internet como meio usual de comunicação, introduzindo novos conceitos e novas formas na vida cotidiana. A linguagem, como matéria e tecnologia da comunicação humana, marcadamente está pelos efeitos dessa revolução. Segundo Carvalho e Kramer (2013), “as decorrências das mudanças na interação vêm imprimindo suas marcas tanto no uso material da língua quanto em sua esfera discursiva, na qual ocorrem as representações dos sujeitos da era da participação” (p, 78).

Apesar de testemunhas das mudanças trazidas pela comunicação eletrônica, as pessoas tendem a reagir de modos diferentes diante do “novo”. Algumas delas rejeitam todo tipo de evolução; outras já a assimilam de modo positivo. É verdade que encontraremos os dois posicionamentos quando o assunto em pauta seja a internet e, mais atualmente, as redes sociais, demonstrando que o tema longe está de tornar-se ponto pacífico.

Diversos profissionais da Educação e da Linguística, por exemplo, oscilam entre esses dois posicionamentos, articulando-se de forma a encontrar argumentos que defendam com precisão os seus pontos de vista.

Os mais resistentes à incorporação das tecnologias digitais procuram demonstrar, por exemplo, que a forte transgressão das normas cultas da língua/linguagem em ambientes virtuais como o *Facebook*, abre precedentes para grandes problemas na escrita fora desses espaços.

É nesse esteio de discussão que Rajagopalan (2013) procura evidenciar os desafios impostos pela linguagem virtual à Linguística, afirmando que “muitas das reclamações contra o internetês vêm precisamente daqueles que se sentem encarregados de salvaguardar a integridade da língua, em nosso caso o português” (p.39).

Ao considerar tais transgressões, esses profissionais parece ainda enxergarem a língua sob a perspectiva estruturalista, muito diferente daquela concepção interacionista, também chamada sociointeracionista. O próprio nome sugere sua real razão de ser: a visão de língua como um meio de interação sociocultural, que obviamente está ligada à concepção interacionista de aprendizagem.

Segundo Oliveira (2010, p. 34), “a interação pressupõe a presença de alguns elementos: o sujeito que fala ou escreve, o sujeito que ouve ou lê, as especificidades culturais desses sujeitos, o contexto da produção e da recepção dos textos”.

Portanto, para a autora, urge que a língua seja concebida “como um conjunto de estruturas gramaticais e lexicais à disposição dos falantes-ouvintes e dos escritores-leitores para que eles possam interagir socialmente em encontros culturalmente marcados” (OLIVEIRA, 2010, p. 37). Por consequência, é possível dizer que esses encontros culturais, propiciadores de interações múltiplas, podem ocorrer no ciberespaço (no nosso caso, particularmente na rede social *Facebook*).

De acordo com Carvalho e Kramer, baseados nos postulados de Crystal (2010), que encara com naturalidade as mudanças impostas pela linguagem na internet e não acredita que elas sejam tão drásticas, os autores afirmam:

[...] a comunicação pelo computador não usa uma linguagem cifrada, mas diferente, de acordo com o meio novo, recém-criado. É mais que um agregado de características da fala e da escrita e, porque faz coisas que nenhum desses outros meios faz, esse meio tem de ser visto como uma forma de comunicação que gerou sua própria linguagem (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 80).

Outro aspecto que merece ser apreciado nesse contexto refere-se ao fato de que a concepção de língua/linguagem adotada acarretará mudanças significativas na prática pedagógica adotada. Numa perspectiva interacionista, certamente os professores de língua portuguesa terão a consciência que todos os seus alunos sabem português. Para Oliveira (2010, p. 40),

[...] saber português significa não apenas ter o domínio inconsciente das estruturas gramaticais, das regras que regem essas estruturas e do léxico, mas também ter o domínio de normas culturais de comportamento que nos possibilitam interagir uns com os outros. Saber português não é a mesma coisa que dominar a nomenclatura gramatical registrada pelas gramáticas normativas nem saber explicar as construções gramaticais. Isso tem de ficar claro tanto para os professores como para os estudantes.

Reforçando os argumentos até então apresentados faz-se oportuno trazermos à baila, novamente, as pertinentes palavras de Rajagopalan (2013), para quem

o campo de pesquisa chamado Linguística Aplicada está passando por uma fase nitidamente neoempirista, entendendo pelo termo o desencanto geral dos pesquisadores com a maneira racionalista de teorizar a linguagem, **sempre partindo de cima para o baixo** (RAJAGOPALAN, 2013, p. 46, grifo nosso).

A afirmação do autor revela um descontentamento em relação ao modo como a língua/linguagem vem sendo estudada, partindo sempre de teorias bem articuladas para, só a partir daí, começar a considerar os reais interesses dos falantes da língua.

A respeito das noções aqui iniciadas, também se faz oportuno trazer à baila a concepção de Bakhtin/Volochinov (1997[1929]) sobre interação verbal, que acarretará na ampliação das discussões, a partir do segundo subtópico intitulado O processo de interação verbal. Por ora, traremos no próximo ponto a questão da multimodalidade¹¹ como influenciadora para o entendimento da língua/linguagem no ciberespaço (especificamente no *Facebook*).

Retornando ao esteio das resistências às novas tecnologias, alguns professores argumentam que os jovens tendem a perder boa parte do seu tempo e de sua atenção, inclusive em sala de aula, com o uso de celulares conectados à internet, possibilitando-os navegar e interagir nas redes sociais irrestritamente.

Segundo Demo (2009), os que resistem às tecnologias são, sobretudo, os professores que se sentem golpeados por elas, pois “é notória sua dificuldade de lidar

¹¹ Para nós a multimodalidade representa as diversas manifestações da língua/linguagem, sobretudo no ciberespaço, onde múltiplas linguagens convergem para o entendimento de um enunciado, de uma interação.

com elas, agravada pela facilidade com que os jovens as usam e dominam” (p.109). E prossegue: “a nova geração coloca sobre os ombros do professor desafios novos e inovadores que requerem dele também modéstia suficiente para saber desconstruir-se e, logo, reconstruir-se à altura das crianças e jovens” (p.110).

No entanto, é preciso estar convencido que a maneira com que os jovens estão interagindo com a informação, uns com os outros e com as instituições está mudando rapidamente, e as consequências dessas mudanças são enormes para o futuro da nossa sociedade.

Dessa forma, para o autor, um dos grandes desafios enfrentados pelo professor é admitir que as mudanças não podem ser controladas, embora sejam a estas que eles apreciem, ou ainda aquelas que não promovem nada efetivamente. Cabe ao professor, então, uma atitude diversa, retirando do cenário a nuance de confronto com as tecnologias e substituindo-a pela atitude de parceria (DEMO, 2009).

Do outro lado da moeda estão os educadores/pesquisadores altamente tecnológicos, que guardam em si a convicção de que “a Educação não pode ser menos atraente para um jovem do que um game”¹², afirma o professor Ronaldo Mota que atua no Instituto de Educação da Universidade de Londres.

Eles estão sempre prontos para desbravar todo o potencial interativo que a rede tem, prova disso são os professores encontrados nesta pesquisa fazendo uso do *Facebook* para interagir com seus alunos. Entretanto, cabe-nos fazer uma ressalva: nem todos os que possuem um perfil na rede social estão engajados e comprometidos a vivenciarem, de fato, uma cultura de rede.

O fato de esses profissionais terem a oportunidade de participar ativamente do processo de criação e de disseminação de conteúdo, das informações e do entretenimento, através da rede social, não significa que eles vão tirar proveito disso;

¹² A notícia pode ser lida na íntegra na página <noticias.terra.com.br/educa%C3%A7%C3%A3o/escola-n%C3%A3o-pode-ser-menos-atraente-que-um-game-diz-pesquisador>. Acesso em 08 de agosto de 2013.

nem todos estarão aproveitando as oportunidades oferecidas pela cibercultura, e esta é uma realidade da qual não podemos nos desvencilhar (pelo menos por enquanto).

Nesta perspectiva, finalizamos com as palavras de Mota (2013):

[...] O Brasil é um dos países mais afáveis com novas tecnologias: sistema bancário, eleitoral, acesso a portais. Fomos campeões de usar Orkut e podemos ser campeões de Facebook em pouco tempo. Tem uma juventude que gosta dessa qualidade e temos um conjunto de gestores e professores que repelem essa ideia. Que querem proibir Facebook, criar cultura anti-tecnológica e isso não funciona¹³.

2.2.1 Multimodalidade: as múltiplas possibilidades de uso da linguagem

Na tentativa de construção de uma linha de raciocínio que permita ao leitor conectar todos os pontos até então discutidos, é necessário afirmar reiteradamente que a cibercultura proporciona implicações para a vida em sociedade, e uma delas reside no fato de grande parte de seus usuários participarem ativamente, como atores sociais, não apenas da troca e veiculação de informações, mas figurando como verdadeiros produtores de tudo aquilo que circula no ciberespaço, através da criação de *sites*, que suportam a produção/circulação de vídeos, imagens, fotos, textos numa velocidade talvez nunca imaginada.

Em outras palavras, podemos dizer que uma das implicações mais significativas da cibercultura está na facilidade em lidar com essa multiplicidade de recursos tecnológicos que permitem a diversidade de elaboração de materiais audiovisuais, gráficos, ilustrações etc. Segundo Mayer (*apud* COCKELL, 2009):

Defino multimídia como a apresentação de um material usando tanto a escrita quanto as imagens. Através da escrita, o material é apresentado na forma verbal como no texto escrito ou falado. Através das imagens o material é apresentado na forma ilustrada como em gráficos (com ilustrações), fotos, mapas, ou ainda animações e vídeos (p. 82).

¹³ Fragmento também extraído da notícia vinculada no site Terra no dia 07 de agosto do corrente ano, especificamente no endereço <noticias.terra.com.br/educação/escola-não-pode-ser-menos-atraente-que-um-game-diz-pesquisador>.

O autor afirma que o advento do computador e, em consequência, da internet possibilitou a evolução da tecnologia visual com ilustrações e gráficos ainda mais elaborados e a utilização de animações. Podemos afirmar que estes recursos fazem parte da cibercultura e influenciam qualquer informação nela inserida. Estes recursos são indispensáveis no ciberespaço, uma vez que permitem a visualização mental e verbal da informação.

Ainda segundo Mayer (*apud* COCKELL, 2009), a aprendizagem através dos recursos multimídia será responsável pela revolução da educação. Através da Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimídia, o autor propõe um uso consciente da multimodalidade no processo de ensino- aprendizagem.

Para ele, a aprendizagem multimídia permite aos discentes uma construção do conhecimento através de processos mentais com estruturas coerentes, ou seja, a informação é construída com uma rede de informações individuais, sociais e culturais de cada aprendiz, e não simplesmente decorada/memorizada.

É corroborando com essa ideia que Tavares (2013), ancorada nos ensinamentos de Lemke, afirma: “nesse caso, a construção de conhecimentos é multissensorial, o que favorece os possíveis diferentes estilos cognitivos e de aprendizagem do público-alvo” (p. 240). Prosseguindo em sua linha de raciocínio ainda afirma:

Duas pessoas, ao se depararem com o mesmo texto multimodal, jamais terão interpretações idênticas. A interpretação multimodal apresenta-se, portanto, como uma variedade de sensibilidade do leitor. Sendo assim, o total controle sobre o sentido dado ao texto multimodal [...] também foge ao autor, incapaz de prever os múltiplos sentidos que serão atribuídos a seu texto (TAVARES, 2013, p. 240)

Dentro dessa perspectiva, novamente é enaltecida a figura do aprendiz como verdadeiro ator social, que age ativamente na construção de seu próprio conhecimento, conhecimento este favorecido pela multimodalidade – mais atrativa e envolvente, no dizer de Xavier (2004) – ao passo que ao professor é admitido um papel de facilitador.

Entretanto, para Mayer (apud COCKELL, 2009) a aprendizagem multimídia em relação ao aprendiz é qualitativa e não quantitativa, mas apresenta três possíveis resultados:

[...] o não aprendido, a rotina de aprendizado (memorização) e o significado da aprendizagem. Este último, quando alcançado, permite ao estudante a possibilidade de compreender o porquê daquela informação ou o quão importante ela será posteriormente. Ao atingir este estágio, o aluno já assumiu um comportamento de aprendiz, ou seja, ele utilizará a tecnologia como uma ferramenta de aprendizado que só trará benefícios, principalmente a aprendizagem ativa [...] (MAYER apud COCKELL, 2009, p. 86).

Fazendo alusão ao último estágio mencionado, o significado da aprendizagem, podemos relacioná-lo ao que Tardif e Lessard (2009) compreendem por significação. Para eles, “[...] ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 249). Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que o ato de ensinar tem como prioridade **o outro** que, posteriormente ganhará autonomia e atribuirá sentido a seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, podemos afirmar, como o faz Dionísio (2008), que os gêneros multimodais e os multiletramentos abrem amplas possibilidades de trabalho com a linguagem e, em consequência, desembocam em implicações para o ensino, requerendo que professores e alunos estejam plenamente conscientes da existência de alguns aspectos: o que eles são; para que são usados; que recursos empregam e como eles podem ser integrados; como eles são formatados e quais seus valores e limitações.

Além disso, é preciso que todos os envolvidos neste processo estejam cientes que os recursos tecnológicos não pretendem substituir ou minimizar o trabalho do professor. O uso da tecnologia no âmbito escolar criou o mito da substituição do professor.

No entanto, atualmente já se pode constatar que esta afirmação revela apenas o medo/receio causado pelo impacto do novo, do desconhecido. De fato, existem benefícios que só os recursos tecnológicos podem oferecer, mas sempre considerados

como complementares das atividades humanas. Logo, no âmbito da educação, o computador, a internet e, em consequência, os sites de redes sociais (SRS) e todos os recursos multimídia são fundamentais para novos métodos de aprendizagem e ensino.

2.2.2 *O processo de interação verbal*

A concepção de linguagem oferecida pelo Círculo bakhtiniano¹⁴ tem servido de suporte para o embasamento de diversas discussões e/ou ofertado contribuições para investigações nas mais diversas áreas do conhecimento. No entanto, poucas áreas têm aprofundado esse conceito, inclusive a própria Linguística, que tem como objeto de estudo a linguagem, talvez pelo fato de os postulados teóricos de Bakhtin apresentarem certa complexidade, sendo quase impossível tratar de conceitos isolados dentro de uma teoria intrinsecamente relacionada e vasta, tornando o trabalho do pesquisador que se aventura em estudar sua teoria um verdadeiro processo de “idas e vindas”.

Neste íterim, o conceito de linguagem constitutivamente dupla de Bakhtin, baseada na relação eu/outro, delineiam e desdobram uma série de implicações no que diz respeito à função da linguagem, bem como na formulação de conceitos teóricos tais como **enunciado**, **dialogismo**, **interação verbal**, trazidas à baila a partir da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, escrita em 1929 e traduzida no Ocidente no final da década de 60, influenciando os franceses da Análise do Discurso e, bem mais tarde (nos anos 90), os linguistas.

No que diz respeito à relação dialógica (eu/outro), uma das passagens mais célebres, sucinta, mas não menos esclarecedora que encontramos na obra de Bakhtin (1997 [1929]) merece ser integralmente mencionada:

¹⁴ O Círculo de Bakhtin é composto por um grupo de estudiosos, cujos principais membros são Michael Bakhtin, que liderava o grupo, V. N. Volochinov e P. N. Medvedev, que tinham interesses filosóficos comuns e se reuniam para debater suas ideias.

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1997, p. 113).

Sob a perspectiva da função da linguagem sabemos que, ao contrário do que apregoavam seus antecessores – a exemplo de Saussure – , Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]) negaram o viés que apontava para a constituição da língua como um sistema abstrato, defendendo que sua verdadeira essência estava no fenômeno social da **interação verbal**, realizada através da **enunciação**, pressupondo assim interlocutores que reagem imediatamente e criam um campo de produção enunciativa.

Desta forma, valendo-nos das palavras de Bakhtin “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (p. 113).

Resumidamente, podemos dizer que qualquer enunciado é socialmente dirigido, sendo “a situação e os participantes mais imediatos que determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação” (op.cit., p.114). A interação verbal, por consequência, constituiria então “a realidade fundamental da língua” (p.123).

Assim, um dos aspectos mais inovadores da produção de Bakhtin e seu Círculo foi justamente visualizar a linguagem como um incessante processo de interação mediado pelo “diálogo” – entendido pelo autor em seu sentido mais amplo – e não apenas como um sistema autônomo.

O conceito de dialogismo é posto então como o entrecruzamento de vozes que se encontram nos enunciados, nos gêneros, nos discursos e, conseqüentemente, nas linguagens sociais. Em qualquer enunciado ecoam uma infinidade de outras vozes que, em grande escala, representam a intrínseca relação histórica, ideológica e social que os

sujeitos constituem quando produzem seus enunciados nas mais diversas atividades cotidianas.

Para ampliarmos o conceito de dialogismo optamos por recuperar a definição de Brait (*apud* ARCOVERDE, 2004, p. 58) que assim o define: “um permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade”. Em contrapartida, afirma: “o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”.

Assim, para a compreensão do princípio dialógico da linguagem é imprescindível considerarmos que ele se constitui por uma abordagem social que lhe é inerente, um “compartilhar com o outro” que recusa qualquer possibilidade de abordagem individualista, pois se instaura na língua como um processo interacional, efetivado na enunciação. (FANTI, 2003).

Nesta perspectiva, podemos ainda afirmar que a língua, sendo considerada como um fenômeno tipicamente social, se realiza através da interação verbal, evolui e se modifica constantemente em sintonia com a “exterioridade” sócio-histórica e ideológica – como diria Travaglia (1996) – , isto é, a linguagem sofreria influências diretas do contexto linguístico e extralinguístico, pela ideologia e a história, tanto a oficial como a dos indivíduos.

Com base nesta concepção, a língua só existiria em decorrência do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação. Desta feita, a linguagem passa necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais e o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos.

A língua/linguagem, sob esse prisma, constitui-se como

uma reação-resposta a algo em uma dada interação e manifesta as relações do locutor com os enunciados do outro. Por isso, temos de considerar que o

outro, no movimento dialógico, não é somente o interlocutor imediato ou virtual. É muito mais [...] (FANTI, 2003, p. 98).

Partindo dessa premissa, a língua em uso é, essencialmente, dialógica, uma vez que não sendo única, está sempre perpassada pelo dizer de outros. “Todo discurso é orientado para a resposta”, como nos diria o próprio Bakhtin (1975, p. 89), o que nos leva à conclusão de que o discurso é sempre um diálogo vivo que se constitui pelos já-ditos e pelos que não de ser ditos e “está sempre orientado para um outro social, para uma resposta, uma compreensão e uma variedade de vozes, perpassadas pelas visões de uma época, cultura ou grupo social” (ARCOVERDE, 2004, p. 59).

Ademais, podemos dizer que Bakhtin (1997 [1929]) se opõe a qualquer concepção reducionista que separe a língua da história, opondo-se também ao racionalismo que não capta a língua nos seus fatos reais, vivos, isto é, não considera as interações verbais entre interlocutores como a verdadeira essência de qualquer concepção de linguagem.

Assim, para Kramer (1994), Bakhtin “[...] supera, de um lado, o subjetivismo idealista que só leva em consideração a fala e que tenta explicá-la a partir da vida psíquica individual do falante, mas ultrapassa, de outro lado, o objetivismo abstrato que rejeita a enunciação por ser individual” (p.73).

Pelo breve exposto, acreditamos na relevância do trabalho realizado por Bakhtin e seu Círculo, que trouxeram e trazem sérias implicações para os estudos da linguagem.

CAPÍTULO III: O FAZER DOCENTE EM REDE E SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS

3.1 O uso do Facebook pelos professores de língua portuguesa

Este capítulo encontra-se dividido em duas partes, de modo a contemplar nos subtópicos seguintes às análises oriundas da primeira etapa realizada para a consecução do objetivo e atendimento à pergunta norteadora de nossa pesquisa: o que os professores de língua portuguesa fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/ linguagem)?

Neste ínterim, vale lembrarmos que a etapa a qual nos referimos é: publicações dos professores de língua portuguesa na rede social *Facebook*, bem como algumas páginas direcionadas a esse público.

Após a observação dessas publicações; organizamo-as em três categorias, de modo que facilitasse a análise, estando elas representadas no quadro abaixo:

Quadro 3: Categorias de análise (parte 1)

CATEGORIAS	
1.	A REDE COMO LUGAR DA GRAMÁTICA;
2.	A REDE COMO LUGAR DE INTERAÇÕES SOCIAIS;
3.	A REDE COMO LUGAR DE INTERAÇÕES AFETIVAS

Diante do exposto, iniciamos nossa análise seguindo a etapa estabelecida sem, contudo, desprestigiarmos um diálogo entre os dados obtidos na segunda fase desta

pesquisa, facilitando a compreensão e visualização das discussões que pretendemos suscitar.

3.1.1 Publicações: a rede como lugar da gramática

Nesta categoria estão inseridas todas as publicações referentes ao que denominamos de lugar da gramática. Essa denominação está relacionada ao fato das publicações apresentarem conceitos/assuntos gramaticais explícitos, demonstrando que os professores ao valerem-se da linguagem na rede social a utilizam como espécie de material didático, como extensão das gramáticas adotadas no espaço escolar.

Por questões de recorte metodológico, em virtude da vasta gama de dados correspondentes a tal categoria, das mais de 30 postagens capturadas, nos dedicaremos à análise de cinco, consideradas como as mais relevantes, em virtude de sua recorrência, dos aspectos comuns que apresentam, figurando como uma parcela significativa que representa o nosso conjunto de dados.

Figura 1: Publicação compartilhada por professor sobre verbos

compartilhou a foto de LÍNGUA PORTUGUESA.

#Valelebrar!

Você já se perguntou qual é a conjugação do verbo "pôr"?

VERBOS

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
terminados em - ar	terminados em - er	terminados em - ir
cantar	beber	sorrir
falar	saber	partir
amar	comer	cair

E o verbo "pôr" e os seus derivados (compor, repor...)?

O verbo "pôr" é da segunda conjugação, pois no latim se escrevia "poer": verbo terminado em -er.

Curtir · Comentar · Compartilhar

A publicação acima revela, em um primeiro olhar, que o professor fez uso de uma ferramenta do Facebook, compartilhando a imagem da página Língua Portuguesa, comumente acessada por professores de diversas áreas, sobretudo, pelos professores de língua portuguesa, além de um público não tão específico, interessado em “consumir” o conteúdo da página.

Abaixo da informação de compartilhamento, percebemos o uso da *hashtag*, representada pelo símbolo #, costumeiramente empregada na rede social. Notemos, pois, que a *hashtag* vem seguida do enunciado “vale lembrar”, escrito pelo professor, levando-nos a avaliar que, no mínimo, ele considera relevante o conteúdo da publicação, tendo em vista que ela precisa, sim, ser lembrada. O ato de lembrar nos remete ao processo de ensino tradicional, no qual apela-se para o ato de memorização com a finalidade de realçarmos o que é considerado importante.

Notamos, ainda, que a predominância da linguagem escrita da publicação, bem como o formato gráfico com que se encontra disposta, aponta para uma visível alusão aos compêndios gramaticais ou ainda aos livros didáticos de outrora ao abordarem o conteúdo referente à conjugação de verbos, remetendo-nos novamente a uma concepção de ensino tradicional.

Nos chama a atenção o fato de nenhum dos amigos do professor ter curtido, comentado ou compartilhado a referida publicação. Ainda mais sintomático é o fato de, no grupo de amigos do professor, estarem presentes pelos menos alguns de seus alunos, demonstrando o pouco interesse dos discentes em relação ao conteúdo, mais especificamente à gramática.

E isso vem de longe, como nos mostra o diálogo entre dona Benta e Pedrinho em *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato (2004 [1934], p.7):

Pedrinho fez bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações de gramática.

- Ah, assim, sim – dizia ele. – Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios...

O fragmento acima revela que, desde 1930, crianças e adolescentes, em sua maioria, não gostam de gramática. Talvez por essa razão, estudiosos redirecionem o seu discurso no sentido de (re) estabelecer o sentido do que vem a ser o ensino de gramática. Segundo Mendonça (2006, p. 199),

o ensino de gramática constitui um dos mais fortes pilares das aulas de português e chega a ser, em alguns casos, a preocupação quase exclusiva dessas aulas. Nas últimas duas décadas, entretanto, vem se firmando um movimento de revisão crítica dessa prática, ou seja, vem-se questionando a validade desse “modelo” de ensino, o que faz emergir a proposta da prática de análise linguística (AL) em vez de aulas de gramática.

A proposta de análise linguística referenciada acima, vale lembrar, extrapola os limites da mera mudança de nomenclatura para práticas pedagógicas completamente iguais. Quando o termo *análise linguística* foi cunhado por Geraldini, em 1984, apresentava a seguinte proposta:

[...] denominar uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos e para se contrapor ao ensino tradicional de gramática, para firmar um novo espaço, relativo a uma nova prática pedagógica (MENDONÇA, 2006, p. 205).

A proposta conceitual de Geraldini (apud Mendonça, 2006) é muito relevante e tem implicações sérias e necessárias para o processo de reflexão dos professores sobre sua prática pedagógica, sobretudo, em uma era em que as tecnologias imperam, e a necessidade dos professores e da escola – muitas vezes com um pensamento analógico – em lidar com alunos altamente digitais só aumenta.

Cabe à escola e aos que a fazem perceberem que a internet e, hoje, mais preponderantemente, as redes sociais mudaram a própria natureza dos relacionamentos, como bem afirmam Palfrey e Gasser (2011, p. 15), pois

até mesmo o que significa tornar-se “amigo” de alguém está mudando. As amizades online são baseadas em muitas das mesmas coisas que as amizades tradicionais – interesses compartilhados, interação frequente – , mas não obstante têm um teor diferente: elas são frequentemente passageiras, fáceis de começar e de acabar [...]

Nesta perspectiva, devemos notar, ainda, que os alunos se relacionam com a informação de modo diferente dos seus professores. Os “nativos digitais” são extremamente criativos,

eles se expressam criativamente de formas muito diferentes daquelas que seus pais ou professores usavam quando tinham a mesma idade. Muitos Nativos Digitais percebem que a informação é maleável, algo que podem controlar e reconfigurar de maneiras novas e interessantes (PALFREY; GASSER, 2011, p.15).

Controlar a informação e reconfigurá-la de novas maneiras talvez seja a grande questão que levará os professores à compreensão do modo como o *Facebook*, e as tantas outras redes sociais, devem ser usadas para atrair os alunos, de modo que a informação – seja ela qual for, até mesmo o estudo de verbos – chegue até eles de forma mais dinâmica, mais interativa e mais criativa.

Concluindo, façamos das palavras de Palfrey e Gasser as nossas:

[...] estamos diante de uma encruzilhada. Há dois caminhos diante de nós: um em que destruímos o que é ótimo na internet e na maneira como os jovens a utilizam, e outro em que fazemos escolhas inteligentes e nos encaminhamos para um futuro brilhante em uma era digital (PALFREY e GASSER, 2011, p.17).

Outro exemplo que comprova a prática de fornecer dicas gramaticais no/pelo *Facebook* pode ser encontrado na figura 2 abaixo, quando o enunciador faz uso da linguagem para fazer a distinção de grafia e significado da palavra “acerca”. Algumas peculiaridades entre as duas publicações, no entanto, merecem ser apreciadas. Por isso, passemos a analisar o exemplo que segue.

Figura 2: Publicação da página Língua Portuguesa “acerca de”¹⁵



The image shows a Facebook post from the page 'LÍNGUA PORTUGUESA'. The post contains a list of definitions for the phrase 'acerca de' and 'há cerca de'. The definitions are:

- ACERCA DE** - A respeito de ou sobre. Exemplo: Estávamos conversando **acerca da** viagem.
- A CERCA DE** - Perto de, aproximadamente, próximo de. Exemplo: A vítima foi encontrada **a cerca de** 10 metros do local.
- HÁ CERCA DE** - Tem sentido de tempo decorrido e significa "desde aproximadamente", "faz aproximadamente". Exemplo: Não vou à academia **há cerca de** duas semanas.

Importante: A cerca de (distância) / há cerca de (tempo)

The post has 2,582 likes and 3,149 shares. The comments section shows:

- Luciana Paiva: Eu amo essa página! (há ± 1 hora, 7 curtidas)
- Samara Vivian R: Jéssica Lucero, uma olhada; (há ± 1 hora, 1 curtida)
- Jilmara Freitas: Está faltando a cerca de arame farpado. (há ± 1 hora, 9 curtidas)
- Neuzeth Figueiredo: interessante. (há ± 1 hora, 0 curtidas)

Como acabamos de enfatizar, a publicação acima, de uma forma geral, é análoga a primeira. Entretanto, apresentam algumas especificidades, pontos-chave para a análise que segue. Trataremos, pois, de evidenciar primeiramente as semelhanças para então debruçarmo-nos nas diferenças.

É notório que a publicação segue os padrões dos compêndios gramaticais, sem qualquer tentativa de incorporação de imagens, mais atrativa e, sem sombra de dúvidas, complementar ao sentido do texto, como já havíamos exposto. Também é de clara percepção que a publicação é oriunda da mesma página citada acima.

No entanto, a primeira diferença entre elas está no fato da primeira publicação, representada pela figura 1, ser oriunda de um compartilhamento realizado pelo professor em relação ao conteúdo da página Língua Portuguesa, enquanto esta é uma publicação originada/criada pela própria página.

¹⁵ Por critérios metodológicos, não ocultamos os nomes dos usuários cujos comentários foram realizados em publicações oriundas de páginas públicas na rede social *Facebook*.

Outra diferença diz respeito ao assunto abordado na publicação. Como podemos notar, ao invés de verbos, a publicação faz a distinção entre a grafia e o significado das expressões “acerca de”, “a cerca de” e “há cerca de”.

O que nos chama mais atenção, porém, é o fato de mesmo as duas publicações apresentarem conteúdos tipicamente gramaticais, a segunda expressa números completamente diversos da primeira. A opção “curtir” soma 2.582, enquanto os compartilhamentos expressam 3.149 e, visualmente, podemos fazer a leitura de 4 comentários. Vejamos esses números expressos no quadro abaixo:

Quadro 4: Opções curtir, compartilhar e comentar referentes as duas primeiras publicações

Publicações	CURTIR	COMPARTILHAR	COMENTAR
	Publicação 1	0	0
Publicação 2	2.582	3.149	4

Ao contrário da primeira, que não obteve nenhum tipo de interação, seja ela uma **interação reativa** no dizer de Recuero (2009), ao referir-se às opções curtir e compartilhar presentes no *Facebook*, ou ainda **interações mútuas** – também denominadas pela autora mencionada –, a exemplo do que acontece na opção comentar, a publicação acima apresenta todos os tipos de interação.

A respeito das interações mútuas em questão, podemos visualizar os seguintes comentários, respectivamente:

- 1) “Eu amo essa página!”]
- 2) “J. L¹⁶, uma olhada ;”
- 3) “Está faltando a cerca de arame farpado”
- 4) “interessante.”

¹⁶ Primando por preservar a identidade dos sujeitos mencionados nas publicações, optamos por utilizar as iniciais correspondentes aos seus nomes.

Ao observá-los, torna-se inevitável fazermos alusões aos conceitos trazidos por Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]) em *A interação verbal*. Os comentários acima, na visão dos autores, nada mais são do que a **enunciação**, sendo esta “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]” (p.112).

Ainda prosseguindo, os autores afirmam:

a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1997, p.112)

Com base nessas considerações, podemos dizer que o enunciador (provável autor da página) dirige-se aos seus interlocutores (todas as pessoas que curtem, compartilham ou fazem comentários na página) imbuído de um propósito maior, a interação verbal, que constitui a verdadeira essência da língua (Bakhtin/Volochinov, 1997 [1929]).

Em contrapartida, os interlocutores devolvem a palavra, produzindo enunciados como os que acabamos de verificar. Ao devolver a palavra, o interlocutor pode abrir espaço na interação para outros interlocutores, como acontece no caso do comentário 2.

No caso do comentário 1, podemos perceber que o interlocutor possui laços mais estreitos com o enunciador, demonstrando claramente que “ama” a página e está interessado em seu conteúdo. Entretanto, o comentário 4 parece denotar o pouco envolvimento do interlocutor com o seu locutor, já que o comentário feito é aparentemente neutro: “interessante”.

Desta forma, podemos afirmar que estamos diante de uma típica situação de interação verbal, uma vez que esta não se restringe a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, seja ela qual for.

De forma ainda análoga, o exemplo representado pela figura 3 abaixo, mantém a mesma configuração dos manuais gramaticais, diferenciando-se pelo fato de ser

veiculado numa rede social, o que demonstra que a linguagem é utilizada pelo enunciador com um objetivo que ultrapassa a mera comunicação, isto é, o enunciador pretende que o conteúdo gramatical veiculado ganhe a anuência de seus interlocutores, seja por meio das opções “curtir”, “compartilhar” e/ou “comentar”. Vejamos:

Figura 3: Publicação da página Gramaticando sobre crase

The image shows a Facebook post from the page 'Gramaticando'. The post content is as follows:

CRASE

QUANDO OCORRE

I. Substitua a palavra feminina por uma masculina correspondente. Se aparecer ao ou aos diante de palavras masculinas, é porque ocorre a crase.

II. Substitua o "a" por para ou para a. Se aparecer para a, ocorre a crase.

III. Substitua o verbo "ir" pelo verbo pelo verbo "voltar". Se aparecer a expressão voltar da, é porque ocorre a crase.

QUANDO NÃO OCORRE

a) antes de verbo
b) antes de palavras masculinas
c) antes de pronomes de tratamento, exceção feita a senhora, senhorita e dona
d) antes de pronomes em geral
e) em expressões formadas por palavras repetidas
f) quando o "a" vem antes de uma palavra no plural

The post interface shows the page name 'Gramaticando', the text 'Compartilhe as dicas do Gramaticando! ;)', and engagement statistics: 290 likes, 679 shares, and 14 comments. Several user comments are visible, such as 'Janaina Costa' and 'Kassya Gondim'.

A postagem representada pela figura 3 tem sua origem na página Gramaticando, cujo título já aponta para os indícios discursivos dos seus propósitos comunicativos, quais sejam: a) fornecer regras sobre o uso (ou não) da crase e, b) persuadir seus interlocutores. Notem que a persuasão se revela através do modo imperativo do enunciado: “Compartilhe as dicas do Gramaticando!”

Em termos de números, podemos dizer que, apesar de bastante expressivos, essa postagem apresenta dados inferiores em relação aos da publicação anterior. Como

podemos visualizar, a opção curtir soma 290 pessoas; a opção compartilhar, por sua vez, estima 680 compartilhamentos realizados. Visualizemos esses números:

Quadro 5: Números referentes às opções curtir, compartilhar e comentar das três publicações

Publicações	CURTIR	COMPATILHAR	COMENTAR
Publicação 1	0	0	0
Publicação 2	2.582	3.149	4
Publicação 3	290	680	5

Lançando o nosso olhar sobre esses dados – ou para essas interações reativas – sugerimos uma possível interpretação: a de que o assunto crase parece trazer, em demasia, certo desinteresse por parte dos interlocutores. As interações verbais, no entanto, parecem ter rendido números mais significativos, uma vez que a publicação evidencia que, além dos 5 comentários visualmente perceptíveis, ainda foram elaborados mais 14.

O comentário realizado pelo interlocutor 1 aponta para a marcação de vários outros possíveis interlocutores, interlocutores esses que provavelmente apresentam dificuldades em relação ao conteúdo gramatical exposto pelo locutor, ou ainda, professores de língua portuguesa que estão trabalhando o conteúdo.

O interlocutor 2, ao enunciar “essa eu estou usando muito...” evidencia justamente a posição social de professor que ocupa, autorizado a dizer o que diz dentro desse contexto, como referenciado por Foucault (1996 [1971]), afinal, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (p. 9).

O interlocutor 3, por sua vez, interage com o enunciador numa espécie de pedido para que seja explicado as possibilidade de uso do “às vezes”. Ao contrário do interlocutor anterior, esse parece assumir, socialmente, uma posição hierárquica inferior – fazendo jus às palavras de Bakhtin/Volochinov (1997[1929]) –, já que, se professor, parece não ter o mesmo domínio do conteúdo demonstrado pelo interlocutor 1, se aluno

demonstra a relação assimétrica – como diria Cajal (2001) – existente entre ele e o locutor (figurando aqui como uma espécie de professor).

O interlocutor 4 demonstra ainda maior conhecimento sobre o assunto, ampliando, por meio do uso de exemplos, a interação verbal estabelecida com o seu locutor.

Por fim, o interlocutor 5 profere um dos enunciados mais simples: “MARAVILHA!”, levando-nos a crer que a interação verbal estabelecida com o enunciador foi eficaz, pois ajudou na ampliação dos conhecimentos e/ou dirimiu possíveis dúvidas do interlocutor. Essa constatação é corroborada pelo uso do enunciado em letras garrafais, recurso linguístico bastante utilizado nas redes sociais para enfatizar algo que está sendo dito, funcionando como um grito na linguagem oral, uma vez que na rede social as interações escritas se assemelham as conversações.

Ademais, podemos concluir que a rede se constitui justamente assim, como demonstrado no exemplo acima, sendo uma esfera em que interações de ensino podem ocorrer.

O exemplo abaixo, em sua essência, corrobora mais uma vez que os sujeitos (enunciadores e interlocutores) utilizam a rede dispostos a colocarem a linguagem em movimento, de forma que alguns conteúdos gramaticais sejam evidenciados. Ademais, guarda semelhança com a publicação anterior no que diz respeito a sua intencionalidade. No entanto, a publicação representada pela figura 4 apresenta peculiaridades merecedoras de apreciação.

Figura 4: Publicação da página Gramaticando sobre “a gente” e “agente”



A publicação acima, também tem sua origem na página Gramaticando. Ao contrário das anteriores, o uso da linguagem escrita e de imagens, sendo a última enfatizada pelo uso de “memes” – rostinhos criados pelos usuários das redes sociais com as mais diversas finalidades –, tornam à publicação mais atrativa e bem humorada, ainda que seja para tratar de assuntos gramaticais, no caso específico, a diferença de grafia e significado de “a gente” e “agente”.

Em termos quantitativos, podemos mensurar 703 curtidas, 965 compartilhamentos e 7 comentários visíveis. Importante perceber até aqui é que os números revelados pelos três últimos exemplos são expressivos, demonstrando os inúmeros acessos e as inúmeras interações nas duas páginas mencionadas. Além de meras estimativas, os

números revelam o potencial das redes sociais na atualidade, sendo propícias para o desenvolvimento de um trabalho que tenha como centro a (s) linguagem (ns).

Quadro 6: Números referentes a todas as publicações analisadas

Publicações	CURTIR	COMPARTILHAR	COMENTAR
Publicação 1	0	0	0
Publicação 2	2.582	3.149	4
Publicação 3	290	680	5
Publicação 4	703	965	7

Urge, então, fazermos um questionamento: por que em uma situação, como a do exemplo 1, em que o professor compartilha em seu mural/linha do tempo os conteúdos dessas páginas não se percebe os mesmos efeitos?

A indagação vem seguida do levantamento de uma provável hipótese: as páginas fazem tanto sucesso – ou como diria Recuero (2009), estão marcadas pela mescla de popularidade e autoridade – porque as interações, sejam elas reativas ou mútuas/verbais, são realizadas massivamente por professores e, quando compartilhadas, a rede de amigos daquele professor possui, conseqüentemente, vários alunos, que parecem demonstrar pouco interesse em obter informações desse tipo na rede social, onde a circulação de vídeos, imagens, fotos, jogos e as conversas online são mais atrativas.

Nesta perspectiva ainda cabe uma constatação: os perfis dos professores no *Facebook* possuem visibilidade, como já nos dizia Recuero (2009), pelo simples fato de estarem na rede, não necessariamente gerando interações e trocas de conteúdos, ao contrário do que acontece nas páginas.

Saindo um pouco desta seara, percebamos as interações verbais imbricadas na publicação. *A priori*, a disposição dos “memes” na imagem, acrescidos dos enunciados-discursivos, dão a ideia de um grupo de pessoas reunidas em torno de um protesto, tendo este a finalidade de reivindicar e exaltar a urgência em se fazer uso de um “português correto”, mais especificamente, uma manifestação em prol do emprego correto das formas “agente” e “a gente”, o que demonstra que a linguagem é utilizada

para dizer o que se quer (protestar, concordar), sendo o elo dessa cadeia enunciativa em que as pessoas podem ser sujeitos que a usam socialmente.

Atentamos, também, para o fato de que o protesto, assim como acontece na nossa sociedade, é dirigido por um representante que sempre emite palavras de ordem e de incentivo, dando fôlego a manifestação.

A posteriori, visualizamos as interações verbais emitidas pelos interlocutores. Na maioria delas, percebemos a aprovação dos interlocutores e do efeito humorístico causado, comprovado por enunciados como:

- a) “Muito boa!”;
- b) “kkkkkk Adoreiiii! legal =)”
- c) “AdoroOOo \°/”

O penúltimo comentário, em contrapartida, é escrito de forma a evidenciar a irritação da interlocutora ao constatar que a diferença entre as duas palavras ainda não foi compreendida. Eis o enunciado: “A coisa tá difícil em Gramaticando? Não entenderam ainda =\”. A forma como a linguagem é usada para compor o enunciado revela uma relação de proximidade entre os sujeitos envolvidos no processo enunciativo-discursivo, que compartilham o modo de usar a linguagem.

O último comentário, por fim, evidencia a provável postura de professora da interlocutora, ao avaliar que a distinção feita na publicação serve de dica para os alunos que irão se submeter ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Observemos o comentário: “serve para as redações do enem tbem!”

Outro aspecto a ser considerado é a forma como os enunciados são escritos, em uma mescla da linguagem escrita – com peculiaridades de abreviações, repetições de letras, variação de letras maiúsculas e minúsculas – e uso de símbolos tipográficos que expressam sentimentos de felicidade, tristeza, dúvida, timidez ou aborrecimento, os

chamados *emoticons* que, no dizer de Carvalho e Kramer (2011), “são representações de expressões faciais humanas através de caracteres tipográficos” (p.87).

Ainda se torna necessário uma última observação no que diz respeito à fecundidade em se trabalhar com a língua/linguagem a partir de publicações como essa. Repensar as posturas/práticas linguísticas dos usuários das redes sociais, a partir da concepção de variação linguística, bem como repensar a leitura e análise de textos – compostos no exemplo pelo uso de múltiplas linguagens –, a partir de uma abordagem enunciativo-discursiva, se torna, no mínimo, um imperativo para os professores de língua portuguesa.

Por fim, cabe evidenciarmos a partir do exemplo abaixo, embora de forma particular, a clara tendência dos professores em utilizarem o *Facebook* de modo a privilegiar, através da linguagem, dicas de regras gramaticais.

Figura 5 : Publicação “a flôr de zíaco”



A publicação acima, ao contrário das anteriores, é oriunda de um compartilhamento feito através de uma página não conhecida por nós. No entanto, algumas peculiaridades da publicação nos atraem a analisá-la. A primeira delas é a forma

de construção do enunciado: “Servimos suco natural do pó do guaraná a flôr de zíaco do Amazonas”.

Neste enunciado, percebemos que o “erro” cometido pelo enunciador – ao escrever “a flôr de zíaco” ao invés de “afrodisíaco” – proporciona, *a priori*, certo humor nos leitores. Além disso, devemos atentar para o fato de que o enunciado chama a atenção do professor justamente pelo “erro” que apresenta, sendo corroborado pelo seu enunciado no topo da publicação “É complicado!”. Aqui temos, de fato, a condição de sujeito- professor marcada.

Ainda se torna evidente que a postura de sujeito-professor revelada é aquela prototípica dos professores tradicionalistas, preocupados em apontar os “erros” linguísticos/formais cometidos pelos alunos, desprezando outros aspectos fundamentais, como diremos abaixo.

Outra questão que podemos trazer à discussão diz respeito ao número de curtidas, comentários e compartilhamentos gerados em torno da publicação. Expressamente podemos visualizar onze curtidas, nove comentários e dois compartilhamentos, o que significa que a publicação de certa forma repercutiu na rede.

Apesar da importância em analisar os comentários realizados no sentido de evidenciar as interações que ocorrem entre os sujeitos – feito exhaustivamente em outros momentos desse capítulo –, nesta postagem, em específico, observamos outro aspecto: o sentido ou conteúdo impregnado na expressão “a flôr de zíaco”.

Sabemos que nenhum enunciado é neutro, estando sempre carregado de sentidos e intencionalidades: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHINOV (1997 [1929], p. 95).

Partindo dessa premissa, podemos dizer que o uso da expressão “a flôr de zíaco” possui um sentido que talvez não tenha sido captado pelo professor, que logo cuidou de perceber o “erro” cometido, ao invés de analisar as possíveis intenções de que estava imbuído o enunciador ao proferir determinado enunciado. O que nos garante que o uso

da expressão não foi utilizado com a finalidade de provocar nos leitores e possíveis consumidores do produto o riso, o bom humor? .

Como bem afirma Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]),

o critério de correção só se aplica à enunciação em situações anormais ou particulares [...] Em condições normais, **o critério de correção linguística cede lugar ao critério puramente ideológico**: importa-nos menos a correção da enunciação do que seu valor de verdade ou mentira, seu caráter poético ou vulgar, etc. **A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida** [...] (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997 [1929], p. 95-96, grifo nosso).

Em suma, podemos dizer que ao invés da preferência em corrigir ou apontar o erro linguístico o professor deveria observar a linguagem em uso, estando ela sempre inserida num contexto e numa situação concreta.

Em caráter de conclusão e recuperação do que foi dito, encerramos a análise dessa categoria com a impressão de que a língua/linguagem embora deva ser enunciada discursivamente, levando em conta a funcionalidade, o uso social, os dados ora analisados não apontam para essa perspectiva, deixando transparecer que os professores (usuários da língua) sentem a necessidade de utilizá-la para reforçar/lembrar normas gramaticais. Dessa forma, entendemos que o *Facebook* parece ser um espaço propício não só para atender finalidades sociais, mas também uma rede que comporta e permite esses usos.

3.1.2 Publicações: a rede como lugar de interações sociais

A denominação desta categoria tem sua razão de ser: aqui encontram-se elencadas as publicações que dizem respeito ao uso do *Facebook* pelos professores de língua portuguesa em sua forma mais inerente e genuína: a de interagir socialmente, o que demonstra a função social da rede, na qual os professores se entrelaçam em relações sociais ora com seus pares, ora com seus alunos, como ficará demonstrado posteriormente.

Na categoria estão reunidas cerca de 60 publicações, dentre as quais cinco figurarão como *corpus* de nossa análise, em virtude de representarem, por sua similitude, todo o conjunto de dados coletados que se enquadram nessa categoria.

O expressivo número de publicações coletadas evidencia, *a priori*, a predominância com que a rede tem sido utilizada para o fim a que se destina, embora esta finalidade venha ganhando novos contornos, como demonstra as publicações inclusas nas categorias lugar da gramática e lugar das interações afetivas, sendo esta objeto de análise no próximo subtópico.

Nessas categorias, respectivamente, os professores compartilham, curtem ou produzem enunciados com forte apelo para explorar conteúdos gramaticais considerados relevantes e/ou ainda produzem enunciados direcionados expressamente aos seus alunos, na tentativa de criar vínculos, laços mais fortes, em uma rede em que predominam relações mais frouxas, esparsas como endossa Recuero (2009).

Diante de tais considerações, passamos agora a dedicarmo-nos a análise da primeira publicação.

Figura 6: Publicação “escolas de samba x escolas públicas”



A primeira publicação, representada pela figura 6, foi extraída da linha do tempo do *Facebook* de um professor que, por meio de um compartilhamento, utilizou o conteúdo de uma página criada por uma escola estadual da nossa cidade, da qual provavelmente ele figure como membro do corpo docente.

Como podemos observar, estão presentes na construção do enunciado a hibridização da linguagem escrita e imagética, o que torna a publicação, no mínimo, mais chamativa, o que nos encaminha para a percepção da função assumida pela multimodalidade dentro da rede, uma vez que permite ao enunciador o uso de múltiplas linguagens para enunciar sua intencionalidade discursiva.

O que vemos como plano de fundo é uma imagem que nos remete a um local muito familiar na época do carnaval no Brasil: o sambódromo da Marquês de Sapucaí, avenida por onde desfilam as principais escolas de samba do Rio de Janeiro.

Conhecidas pelos altos investimentos e pelo excesso de *glamour*, essas escolas são comparadas, na publicação, às escolas públicas brasileiras, que pouco recebem de investimentos, seja por parte do governo federal, estadual ou municipal, muitas delas vivenciando uma realidade caótica.

Assim, a publicação como um todo se propõe a denunciar, uma que a linguagem é revestida de função social e ideológica – como diria Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]) – o descaso com que a educação é tratada no nosso país e como os valores da nossa sociedade estão invertidos: investem-se milhões com futilidades e nada (ou quase nada) para garantir direitos fundamentais como educação, saúde etc. Essa afirmativa é corroborada pelo enunciado: “Milhões pra escolas de samba, migalhas pra escolas públicas”.

Faz-se oportuno perceber, também, que o professor concorda com o que está sendo veiculado pela publicação e profere o seguinte enunciado: “Dura realidade!”.

Por fim, observamos que a publicação não gerou nenhuma interação com outros interlocutores, embora sejam nítidos os números que expressam as interações do tipo reativas: 15 pessoas curtiram e 6 compartilharam a publicação.

Os números demonstram que, ao utilizarem a opção “curtir”, alguns interlocutores concordarem com a publicação, mas utilizam uma estratégia de “mascaramento” para não se exporem ao comentar ou compartilhar o conteúdo veiculado.

O compartilhamento, em contrapartida, é uma estratégia utilizada pelos interlocutores com a finalidade de manterem seu posicionamento favorável e deixarem isso claro a partir do momento em que expõem a publicação em sua *timeline*.

Outro exemplo que ilustra um contexto de interação social em rede encontra-se representado pelo exemplo elencado na figura abaixo, em que o enunciador faz uso da linguagem de modo a representar uma situação vivenciada por ele em sala de aula.

Figura 7: Publicação “Minha sala de aula é um hospício”



A publicação, representada pela figura 7 acima, tem sua origem na página Profissão Professor, cujos conteúdos são dirigidos a um público específico, como o próprio nome sugere, e que enfatizam diversos aspectos e peculiaridades do trabalho docente.

Nessa publicação, assim como a primeira, verificamos na construção do enunciado o uso multimodal da linguagem. A imagem é posta de forma não aleatória, enfatizando o que o enunciado afirma: “Parece um hospício, mas é só minha sala de aula”.

Notem que a expressão do personagem aponta para o ar de desespero, de desequilíbrio do mesmo, fazendo clara alusão aos alunos presentes em uma sala de aula, corroborando mais uma vez que a rede social apresenta um potencial que permite que situações de outros ambientes, nesse caso o escolar, tenham repercussão, reverberem para além dos estreitos muros da sala de aula.

Ainda é passível de observação na construção do enunciado que o enunciador pretende, de forma humorística, que seus interlocutores se identifiquem prontamente com a situação ali representada, além de comparar as situações de sala de aula com as que acontecem em um hospício, ambiente hospitalar em que se encontram pessoas com distúrbios mentais, conhecidas popularmente como loucas.

Ademais, é importante perceber que por trás de todo esse discurso ainda existe outro que o perpassa: o de que a vida de professor não é nada fácil, uma vez que ele precisa lidar com alunos problemáticos, cumprir horários e ainda ser mal remunerado.

Podemos ainda verificar as interações reativas obtidas com essa publicação, que revela a marca de 298 pessoas que a curtiram e 978 que a compartilharam. As interações verbais, em contrapartida, somam 18 comentários, dos quais apenas cinco estão visíveis. Vejamos esses números no quadro abaixo:

Quadro 7: Números das interações realizadas nas duas primeiras publicações

Publicações	CURTIR	COMPARTILHAR	COMENTAR
Publicação 1	15	6	0
Publicação 2	298	978	5

O primeiro interlocutor que interage parece interpretar o enunciado de forma diversa da esperada: ele compara o hospício ao lugar onde mora, e não ao lugar onde provavelmente trabalha, o que nos leva a interpretar que para ele o seu ambiente de trabalho é tranquilo, ao contrário de seu lar.

O segundo interlocutor, por sua vez, chama a atenção do primeiro, numa espécie de “venha aqui, senta que vou te explicar”. O tom do enunciado é mais forte, mais acalorado, denotando que mesmo sendo a publicação uma aparente brincadeira, a questão por ela abordada é muito séria. Observemos: “No Brasil S.C, a educação aqui não é valorizada, precisamos mudar essa realidade, mas está mt difícil...”

O terceiro interlocutor, contrariando as expectativas, assim como o faz o primeiro, agradece a Deus por ter uma turma “doida”. Outro aspecto que nos chama a atenção é a forma como a escrita é empregada pela professora, “Grasas a deus a minha turma e doida”, possibilitando-nos dizer que esta forma de escrever se torna possível justamente em virtude da situação discursiva na qual está inserida, isto é, as convenções sociais e discursivas específicas do contexto de circulação autoriza essa forma de dizer, não sendo propícia em outros espaços discursivos.

O quarto e o quinto interlocutor apenas mencionam nomes, o que nos leva à interpretação de que as pessoas citadas se identificariam com o conteúdo da publicação, provavelmente pelo fato de que vivenciam como professores a lida com alunos “problemáticos”.

Outro exemplo que comprova o uso da linguagem no *Facebook* como produtora de enunciados voltados à construção de interações sociais entre os professores e seus

pares encontra-se demonstrado abaixo. Algumas particularidades o distinguem dos exemplos anteriores, como fica evidenciado pelo uso da linguagem estritamente escrita. Vejamos:

Figura 8: Publicação “correção de provas e redações”



A publicação acima foi extraída da linha do tempo de um professor e, ao contrário das outras, destaca-se por sua brevidade e por não conter nenhuma imagem. O enunciado proferido é típico dos que circulam nas redes sociais, em que a maioria dos sujeitos publicam o que estão fazendo, na companhia das pessoas em que estão, nos lugares aonde vão, o que demonstra claramente o imperativo da cultura de rede: ser visto a qualquer custo, como nos diria Sibilina (2003).

No caso em tela, percebemos que o enunciador, *a priori*, tem a mera intenção de divulgar a quantidade de correções que tem para realizar. No entanto, os números expressivos utilizados na publicação, “273 provas e 102 redações”, surtem um efeito grandioso e sugerem que o enunciador pretende não só publicar, mas fazer com que os seus interlocutores interajam das formas mais diversas, incluindo o compadecimento das pessoas com o próprio enunciador, que ao ocupar o lugar social de professor, tem uma vida muito corrida, atarefada.

Tal interpretação se torna legítima quando recorremos às palavras de Bakhtin/Volochinov (1997 [1929], p. 98) “toda enunciação é produzida para ser compreendida no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante”.

Isso se torna mais claro quando verificamos as interações ocorridas. No campo das interações reativas observam-se 13 curtidas e nenhum compartilhamento. Em contrapartida, no campo das interações verbais observam-se 12 comentários, dos quais 10 são visíveis, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 8: Números referentes as interações ocorridas nas três publicações

Publicações	CURTIR	COMPATILHAR	COMENTAR
Publicação 1	15	6	0
Publicação 2	298	978	5
Publicação 3	13	0	10

A primeira e a terceira interação verbal ocorrem por meio do uso de símbolos. O primeiro símbolo remete a uma dessas “carinhas” utilizadas amplamente na rede social, porém aqui sem um significado determinado, assim como acontece com o outro símbolo, composto por dois colchetes dispostos em lados contrários.

A terceira interação, representada pelo segundo comentário, demonstra que o interlocutor ao proferir “eitttta” parece concordar que o enunciador encontra-se em uma

situação complicada, passando a ideia de que o professor “está ferrado”, como se diria popularmente.

O quarto enunciado é bem sugestivo, uma vez que o interlocutor afirma ser o enunciador um “herói” que “merece o prêmio Nobel”, tamanho o feito em conseguir realizar uma atividade dessa proporção. O enunciado também vem seguido do corriqueiro “kkkk”, demonstrando a ironia com que o enunciado foi escrito, já que o interlocutor se vale desse recurso para contradizer o que está sendo dito e/ou provocar atitudes de risos nos demais interlocutores.

O quinto enunciado, por sua vez, é proferido por um interlocutor que deseja “boa sorte” ao professor, criando outro enunciado que, porventura, ocorreria em sequência: “você vai precisar”.

O sexto interlocutor afirma “Não é moleza não”, novamente enfatizando que a tarefa a ser cumprida é muito difícil.

É nesse momento que o enunciador, novamente, passa a fazer parte da interação e responde ao interlocutor: “Só do Estado, J.N. Amanhã completo o malote...kkkk”, o que nos leva a considerar que o professor tem outras correções para fazer, correções essas advindas, por exemplo, de uma escola particular ou municipal. A interlocutora continua sua interação e rir com a situação do professor, utilizando o “eitaaaa” para reforçar o que já tinha dito anteriormente.

O penúltimo comentário apresenta um tom diferenciado em relação aos demais, tendo em vista que a interlocutora profere um “Deus te abençoe!!”, evidenciando um sujeito que comunga com preceitos religiosos e que acredita em um “Deus” capaz de influenciar positivamente nas coisas terrenas, o que demonstra que a rede permite que as pessoas digam de si, isto é, a dinâmica do *Facebook* “solicita dos agentes interacionais uma dinâmica emocional tal que os participantes sentem-se livres para, por meio das palavras dialógicas, expressarem sentimentos individuais e coletivos” (BARRETO, 2012, p. 02).

finalidade de tornar público um fato muito corriqueiro na vida de qualquer professor: alunos interessados em saber suas notas.

No entanto, um fator se torna peculiar na construção desse enunciado, vejamos: “Nunca vi tanto aluno desesperado. Tanta gente ansiosa por nota”. Notemos que o emprego de palavras como “desesperado”, “ansiosa” não são aleatórias, pois dão ao enunciado um caráter mais chamativo, mais humorístico, passando para o leitor a exata ideia de angústia, ansiedade, rapidez imbricadas na situação.

Outro fator que nos leva a essa interpretação é a data da publicação, realizada em 26 de dezembro, remetendo-nos a uma época em que as provas finais nas escolas estão sendo realizadas e o desempenho obtido nestas conferirá (ou não) ao aluno sua aprovação para série seguinte.

Verificamos, ainda, as interações geradas a partir da publicação. As interações reativas do tipo “curtir” totalizam 15, sem nenhum compartilhamento; as interações verbais atingem a marca de 9 comentários.

O primeiro interlocutor utiliza também o humor e a ironia para interagir com o enunciador e pede para que ele aprove todos os alunos: “Passe os bichinhos rapaz. Kkkk”. Referindo-se aos alunos como “bichinhos” (coitadinhos, bonzinhos) notamos justamente o tom irônico do interlocutor que, ao contrário do que diz, parece querer dizer: “bichinhos nada, agora eles devem pagar pelo que fizeram”. O enunciador, entretanto, interage com um típico “kkkkkk”.

Um outro interlocutor enuncia: “normal meu amigo!”, levando-nos a interpretar que também é professor e já está acostumado com a situação. Nesse momento, o enunciador interage com o interlocutor e afirma: “verdade, F.K.”.

O mesmo interlocutor volta à interação e diz que em época de provas ela parece ficar mais bonita, uma vez que os elogios intencionais, diga-se de passagem, tornam-se cada vez mais corriqueiros. Ao final do enunciado o interlocutor faz uma pergunta ao professor: “E você também fica bonito? rrsrsrs”.

O professor-enunciador responde de maneira engraçada: “até mais magro. Kkkkkkkk”, levando-nos a interpretar que ele é gordinho e aproveita essa característica pessoal para provocar a ironia do enunciado. A sua interlocutora imediata apenas interage dando uma grande gargalhada, representada pela enfática repetição da letra k.

Por fim, um novo interlocutor surge na interação e afirma que a situação ainda é mais complicada quando se trata dos alunos do turno matutino, levando-nos a crer que interlocutor e enunciador trabalham na mesma escola.

No entanto, a forma como o enunciado foi construído gera duas possíveis interpretações, ambas aceitas: a) o interlocutor está se referindo ao “desespero” dos alunos para saber suas notas, enunciado gerador da interação; b) o interlocutor está se referindo aos constantes elogios feitos pelos alunos aos professores em época de provas finais, em decorrência da interação gerada entre enunciador e outro interlocutor.

O último exemplo que corrobora todos os já-ditos até aqui apresenta, também, particularidades que merecem ser apreciadas, por isso vejamos:

Figura 10: Publicação da página Professor por vocação



A publicação, representada pela figura 10, tem sua origem na página Professor por vocação. A sua escolha para finalizar o tópico dessa análise tem uma razão de ser: a

imagem retrata um bebê deitado em uma cama manuseando um notebook, seguida de um enunciado que demonstra a forma de agir dos já mencionados nativos digitais, além da necessidade de professores prontos para lidarem com tais demandas, o que torna a publicação altamente propícia para o tema abordado neste trabalho.

Notemos ainda que o enunciado em destaque não foi proferido pelos administradores da página, tratando-se de uma citação marcada pelo uso de aspas e sua consequente autoria em parênteses, embora sem o ano e a página.

No que diz respeito às interações reativas, podemos verificar que a publicação contou com 359 curtidas e 393 compartilhamentos. As interações verbais/mútuas totalizam 15 comentários, dentre os quais apenas três são visíveis. Vejamos esses números no quadro abaixo, na tentativa de comparação e retrospecto com a publicação anterior:

Quadro 9: Interações realizadas nas duas últimas publicações

Publicações	CURTIR	COMPARTILHAR	COMENTAR
Publicação 4	15	0	9
Publicação 5	359	393	3

Novamente, o quadro aponta para interações mais expressivas em termos numéricos quando estamos diante de publicações oriundas de páginas criadas com objetivos específicos. Isso não invalida, entretanto, as publicações originadas nos perfis dos professores, também significativas.

No campo das interações verbais, o primeiro enunciado é de total negação ao que está sendo dito, revelando um professor/interlocutor com total resistência à adesão as tecnologias.

O segundo enunciado segue o mesmo teor do primeiro, com a diferença de flagrar uma resistência mais velada por parte do professor, que afirma não ser possível fazer tudo isso sozinho. Vejamos o enunciado na íntegra: "...o professor sozinho não consegue", levando à interpretação de que a mobilização de outros profissionais e de

outras esferas governamentais que invistam e estejam engajadas, por exemplo, com a formação continuada dos professores, é estritamente necessária.

Além disso, é passível de interpretação o fato de que o professor ao fazer uso da linguagem no *Facebook* está agindo discursivamente, seja reclamando, seja concordando, ultrapassando a mera visão de um sujeito-professor que exclusivamente ensina, o que implica na conclusão de que, na rede, os professores são verdadeiros atores sociais.

O terceiro enunciado, por sua vez, corrobora a posição de resistência assumida pelos demais interlocutores, com a peculiaridade de ser construído em um tom mais agressivo: “Estou cansado desses teóricos”. O discurso que perpassa o enunciado que acabamos de ler, sem sombra de dúvidas, é o de que “na teoria é fácil, quero vê na prática”.

Os três enunciados acima, portanto, enaltecem as palavras de Pedro Demo (2009) ao afirmar com propriedade que as tecnologias maltratam os professores, uma vez que é notória a dificuldade dos mesmos em lidar com elas, agravada pela facilidade com que seus alunos as utilizam.

3.1.3 Publicações: a rede como lugar de interações afetivas

Nesta categoria estão reunidas todas as publicações referentes ao que denominamos de lugar de interações afetivas. A escolha dessa denominação está relacionada ao fato das publicações apresentarem uma forte tendência de aproximação, de afetividade nas interações estabelecidas entre professores e alunos, convergindo em ações que exploram o forte potencial pedagógico da rede.

A categoria é composta por 18 publicações, das quais 5 (cinco) serviram como objeto de nossa análise, uma vez que em virtude da semelhança com as demais, proporcionam uma visão mais ampla dos dados coletados.

Ademais, para melhor justificar a importância dos dados abarcados nessa categoria, passamos a considerar a afetividade sob o esteio de breves discussões teóricas.

Educação não existe sem interação. O ensinar e o aprender são fortemente pautados nas relações e ações executadas entre professores, alunos e meio ambiente, seja este o real ou o virtual.

As relações estabelecidas e as ações efetuadas são tão significativas que interferem diretamente nos processos cognitivos, como na atenção, motivação, raciocínio, etc., como já amplamente difundido por estudiosos como Piaget (1977), Vygotsky (1989), entre outros, como Longhi, Behar e Bercht (2009), que imprimem um olhar mais atual para as referidas teorias de base, ao estudarem a importância da afetividade em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs).

Vygotsky (1989), em sua obra *A formação social da mente*, traz uma importante contribuição no sentido de destacar que a interação social é a origem e o motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual. Para ele, o sujeito toma consciência e aprende não só nas relações intrapessoais, mas também em nível social (interpessoal) como valores, conhecimento, linguagem.

Assim, sob essa perspectiva, o sujeito não é resultado apenas de seu aparato biológico, mas de suas interações, emoções, de sua história e da forma como o mundo é representado em sua cultura.

Não menos importante são os estudos desenvolvidos por Tardif e Lessard (2009) que também consideram a afetividade uma dimensão importante no/para o trabalho docente. No dizer dos autores, o trabalho dos professores

repousa sobre emoções, afetos, sobre a capacidade não só de pensar nos alunos, mas também de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios traumas, etc. **O professor experiente sabe tocar o piano das emoções do grupo**, provoca entusiasmo, sabe envolve-los na tarefa, etc. [...] (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 258, grifo nosso).

É sob esta perspectiva que passaremos a analisar as publicações incluídas nessa categoria sem, contudo, desprestigiarmos o aspecto intrínseco da interação verbal (BAKHTIN/VOLOCHINOV,1997 [1929]).

Figura 11: Publicação “sucesso na Redação do ENEM”



A primeira publicação, representada pela figura 11 acima, foi extraída da linha do tempo de um perfil no *Facebook* de um professor. A publicação evidencia o claro estado de contentamento do professor pela pontuação obtida por dois dos seus alunos na redação do ENEM, chamando a atenção dos seus interlocutores para o fato de que os referidos alunos ainda cursam o 9º ano do Ensino Fundamental II.

Percebemos, ainda, que as interações reativas que ocorreram, 6 (seis) referentes à opção “curtir” e nenhuma em relação à opção “compartilhar”.

Em seguida, notamos que as interações mútuas ou verbais totalizam 5 (cinco). Observemos, pois, que elas acontecem entre o enunciador e um interlocutor que não

estava previsto, *a priori*, para participar do processo de interação, uma vez que os alunos mencionados pela professora eram seus interlocutores imediatos. No entanto, nenhum deles participou desse processo, a menos que tenham interagido reativamente, a partir da opção “curtir”.

O primeiro comentário, “Deram um banho em alguns alunos do 3º ano srsrsrsrs! Arrasaram mesmo”, demonstra inicialmente que o interlocutor ficou entusiasmado e ao mesmo tempo pasmo pelo desempenho obtido. Ainda verifica-se pelo enunciado proferido que o interlocutor também é aluno, provavelmente do 3º ano do Ensino Médio e que parece não se incluir entre os alunos que levaram um “banho”, conforme podemos depreender a partir da expressão “em alguns alunos” utilizada na construção do enunciado.

O segundo comentário, por sua vez, é feito pela professora não em resposta ao que foi dito, mas novamente direcionado a um dos alunos que obteve um bom êxito na redação. “Viu só, I.H, o que te disse!! No 3º vocês farão 1.000 em Redação”.

Podemos depreender que o enunciado remete, então, a uma situação fora do contexto virtual, em diversas situações comunicativas como, por exemplo, em uma situação de correção de um texto escrito pelo aluno em sala de aula, em que já era visível a capacidade do discente para elaboração de textos escritos.

O terceiro comentário, este sim direcionado ao interlocutor que deu início a interação, corrobora a hipótese por nós levantada de que ele não se enquadrava entre os alunos do 3º ano que haviam levado um “banho”, uma vez que a professora enaltece sua excelente pontuação na redação. Vejamos o comentário: “R.C, vc como sempre um poço de elegância na Redação! Parabéns pelos 900 pontos”.

O quarto comentário, assim como o terceiro, evidencia a estreita relação afetiva entre enunciador (professor) e interlocutor (“R.C”/aluno). Neste momento, R.C agradece à professora pelos ensinamentos, demonstrando que eles foram essenciais para o desempenho obtido.

Vejam os comentários: “C.R essa nota só tenho a agradecer pelas vezes em que dizias que algumas palavras minhas eram clichês rsrsrsrs obrigado tá! Saiba que nessa nota tem um pouco de você viu! Obrigado mesmo”.

Ao realizarmos a leitura do comentário ora exposto, não há como deixarmos de lembrar o que Tardif e Lessard (2009) denominam de **significação**. Para os autores, “toda ação social é voltada para o outro, pouco importa se ele está fisicamente presente ou não [...] Do ponto de vista da ação comunicacional, ensinar não é, tanto, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa [...]” (p. 248-249).

No caso em tela, a ação da professora em dizer que “algumas de suas palavras eram clichês” teve um significado importante para o aluno, que apreendeu o que foi dito/ensinado e pôs em prática o conhecimento adquirido, resultando em uma excelente pontuação na redação do ENEM.

Por fim, o último comentário reforça a dimensão afetiva entre professor e aluno, sendo o primeiro responsável pela construção do enunciado: “Rick, felicidade maior foi ter te conhecido!”. Observemos a forma carinhosa e íntima do professor dirigir-se ao aluno, chamando-o por um apelido.

O conjunto de dados implicados nessa publicação reforçam a ideia de que o *Facebook* amplia as relações estabelecidas inicialmente em sala de aula. Ademais, evidenciam o potencial interativo da rede, inclusive no aspecto afetivo, comprovado pelo número de comentários, o que também é evidenciado no exemplo abaixo.

Figura 12: Publicação “reescrita coletiva”



A publicação acima, representada pela figura 12, tem sua origem em uma página no *Facebook* criada com o intuito de divulgar as atividades realizadas em um projeto de PIBID, desenvolvido em uma escola estadual na cidade de Campina Grande/PB.

Assim como na primeira publicação, observamos que o (s) professor (es) fazem uso da língua/linguagem para parabenizar os alunos pelos “resultados maravilhosos com a atividade de reescrita coletiva”. O parabenizar foi utilizado pelos professores como forma de reconhecimento, de estímulo para que os alunos continuem sendo os melhores.

Dando prosseguimento a construção do seu enunciado, o (s) professor (es) afirmam estarem realizados com o progresso dos alunos, sobretudo, por eles terem aprendido “muitas coisas do que trabalhamos ao longo desses últimos meses”.

Apreciando o fragmento do enunciado em uma perspectiva discursiva, podemos depreender que, implicitamente, o enunciador sente-se responsável pelo êxito dos alunos, dando a impressão que antes do trabalho desenvolvido os discentes não

possuíam as mesmas capacidades. Em outras palavras, podemos dizer que o enunciador ao utilizar a linguagem estava imbuído do seguinte propósito: enaltecer o trabalho por ele realizado a partir das constatações de melhoria na escrita dos alunos.

Ademais, o professor incita um ar de mistério, de surpresa em relação à atividade seguinte: a reescrita individual. Discursivamente, esse ar de mistério não acontece de forma impensada, muito pelo contrário, sendo mobilizado pelo professor como estratégia para atrair seus alunos a estarem presentes na aula seguinte.

Após a leitura do enunciado observam-se as interações reativas geradas pela publicação, somando 3 (três) curtidas e nenhum compartilhamento.

No plano das interações verbais/mútuas observamos três comentários, os quais passaremos a analisar.

No primeiro deles, um dos alunos “marcados” na publicação agradece pelo trabalho e dedicação dos professores e ainda reconhece: “é necessário muita atenção na hora de argumentarmos”. A interação estabelecida entre enunciador e interlocutor revela, primeiramente, a relação proximal existente, bem como a recuperação de situações vivenciadas no espaço escolar, como: atividades, avaliação, lembretes etc, o que caracteriza a rede social como espaço de extensão da sala de aula, corroborando a importância da exploração desta como espaço facilitador de interações entre professores e alunos.

O segundo comentário apresenta o mesmo teor do primeiro, uma vez que o agradecimento pela experiência vivenciada e pelo trabalho desenvolvido é objeto de exaltação por parte do interlocutor 2, aluno também “marcado” na publicação. Notemos, pois, que este enunciado vem acompanhado de um *emoticon*, representando a alegria do interlocutor, assemelhando-se a uma interação face-a-face, em que as expressões de emoções ajudam a construir a interpretação dos enunciados proferidos.

O terceiro comentário, por sua vez, traz de volta à interação a figura do enunciador (professor), que diz estar “Feliz com esses comentários! #SUPERFELIZ”.

Observamos que o professor interage com os seus alunos de maneira bem familiar, inclusive fazendo uso da linguagem própria das redes sociais, neste caso o *Facebook*, em que seus usuários costumam utilizar *hashtag* (#) seguida de palavras escritas juntas e, especificamente, com letras garrafais que enfatizam o que está sendo dito, como uma espécie de grito (na linguagem oral).

Outro exemplo que coaduna com a prática dos professores em utilizarem a linguagem, através do *Facebook*, para manter mais estreitas as relações com os seus alunos pode ser observado na publicação abaixo. No entanto, ao contrário das duas anteriores, a publicação que segue guarda um aspecto particular: ao invés de utilizar a rede para incentivar os alunos a desempenharem bem suas tarefas, nesse caso o professor a utiliza para agradecer aos seus alunos por uma atitude tomada. Vejamos:

Figura 13: Publicação “#Alessandradevolta”



A publicação acima foi extraída da linha do tempo do perfil de um professor. Apesar de mais breve, o enunciado produzido pode ser analisado pelo mesmo viés: o enunciativo-discursivo.

Como podemos perceber, o professor enaltece sua emoção pela iniciativa dos seus alunos em promoverem uma campanha apelando por sua volta. Logo em seguida, o professor afirma “amar” esses alunos e agradece, a cada um deles, pela atitude tomada, marcando-os na publicação.

Notemos, pois, que o fato gerador da campanha “#Alessandradevolta” não está explícito no enunciado, permitindo ao leitor que levante uma série de hipóteses, que oscilam entre o simples afastamento do professor por motivos de saúde até a sua possível exoneração ou demissão.

No plano das interações reativas, percebe-se que às opções “curtir” e “compartilhar” não foram utilizadas, ao contrário do que acontece nas duas publicações anteriores, pelo menos no que diz respeito à primeira opção. Em contrapartida, percebemos 4 (quatro) interações mútuas, média relativa às publicações anteriores. Vejamos o quadro que segue a fim de uma melhor elucidação desses números:

Quadro 10: Número de interações reativas e mútuas nas últimas publicações

Publicações	CURTIR	COMPATILHAR	COMENTAR
Publicação 1	6	0	5
Publicação 2	3	0	3
Publicação 3	0	0	4

Percebemos, no entanto, que a interação mútua no primeiro comentário acontece de forma peculiar, uma vez que o interlocutor utiliza apenas um símbolo para se expressar. O símbolo utilizado parece ter a mesma função de um *emoticon*, sendo utilizado pelos usuários da rede como uma espécie de “rosthinho” de algum animal considerado “fofinho”.

O segundo e o terceiro interlocutor parecem utilizar o mesmo recurso, embora também utilizem a linguagem verbal para interagirem com o enunciador (professor). O segundo interlocutor pronuncia: “Owontii” minha amiga, cê merece!!”. Numa primeira

leitura, chega-se a pensar que o interlocutor não é aluno, tendo em vista que dirige-se ao enunciador como “amiga”.

No entanto, essa leitura é passível de refutação quando relemos o enunciado proferido pelo professor e percebemos que o nome do interlocutor encontra-se marcado na publicação que, como vimos, tem o propósito comunicativo de agradecer aos alunos pela campanha iniciada. Assim, corrobora-se o alto grau de afetividade entre aluno e professor, uma vez que a figura do docente “transborda” para a de amigo.

O terceiro comentário é análogo ao que acabamos de expor, transparecendo a intimidade entre aluno e professor. Vejamos: “ouuun meu amor, agente ama, se num sabe”.

O último comentário é aparentemente mais neutro se comparado aos dois anteriores, tendo em vista que a aluna apenas afirma que a professora está fazendo muita falta. Outro aspecto observável é que nenhum apelido foi utilizado para fazer referência à professora, denotando uma possível relação mais formal, menos estreita entre elas.

Um novo exemplo que volta a trazer à tona as interações afetivas entre professores e alunos pode ser encontrado na figura abaixo, salvaguardadas suas particularidades, uma vez que o professor lança mão de estratégias linguístico/discursivas para enfatizar o bom desempenho dos alunos no cumprimento das tarefas, além de “cobrar” a presença dos discentes nas aulas. Observemos:

Figura14: Publicação “produção do artigo de opinião”

Olá gente, e aí tudo bem???

Aula de produção do artigo de opinião esta semana foi o ouro!!!

Estamos revisando os textos dos alunos e desde já felizes pelos resultados!

#Jonatan e #Jusciane, parabéns pelos textos!!!

E cadê as senhoritas [redacted], não foram a aula pq???

Aguardamos as justificativas das três moças, hein!!!

Bjos a todos e uma ótima semana!

Curtir · Comentar · Compartilhar 11

[redacted], como eu sou uma pessoa bastante sincera .. não fui na quarta, porque esqueci e na quinta, porque eu tava com muito sono e fui dormir ! kk, beijos.
11 de novembro de 2011 às 17:55 · Curtir

Raul Argumentar Agradecemos pela sinceridade! kkkkk Mas veja se lembra na próxima semana... lembre-se que já estamos na reta final do curso! Abraços
11 de novembro de 2011 às 17:59 · Curtir

[redacted] lembro sim, desculpa ;/ kkkkk, semana que vem eu vou !
11 de novembro de 2011 às 17:59 · Curtir · 1

Raul Argumentar Tá ok... se vc puder dá um toquezinho p lembrar a Germana e Geissy tbm, certo??? Até lá!
11 de novembro de 2011 às 18:21 · Curtir

[redacted] ok =*
11 de novembro de 2011 às 18:21 · Curtir

[redacted] q bom q gostaram
11 de novembro de 2011 às 20:21 · Curtir

Messias Freitas ficou feliz em saber a segunda-feira kkkk

A publicação acima foi extraída da página “Raul Argumentar”, já demonstrada por nós na análise referente ao segundo exemplo.

O início da publicação já demonstra características da oralidade transpostas para a escrita, o que delineia um tom de conversa entre o enunciador e os seus interlocutores: “Olá gente, e aí tudo bem???” , corroborando as relações de amizade típicas da rede.

Após o enunciado o professor avalia sua semana de aula, voltada para a produção do artigo de opinião, como “o ouro”, expressão bastante usual entre os jovens para dar a conotação de algo que é muito bom.

Em seguida, o professor afirma está “revisando os textos dos alunos” e demonstra satisfação em verificar os resultados obtidos, parabenizando alguns alunos.

Após tais sequências enunciativas, um enunciado nos chama a atenção: “E cadê as senhoritas R.P, Gessy e Germana, não foram a aula pq???” Aguardamos a justificativa

das três mocinhas, hein!!!”. Notemos que apesar de toda a interatividade cordial e afetiva do professor, ele não deixa de assumir sua postura como docente, imbuído da função de também “cobrar” satisfações pela falta das três alunas.

A esse respeito, Tardif e Lessard (2009) afirmam que o professor exerce poderes conferidos a ele pela escola e pela própria posição social ocupada. Baseado nos autores, podemos afirmar que o enunciado acima demonstra uma “autoridade carismática”, tendo em vista que o professor utiliza os poderes que lhes foram atribuídos sem excessos, sem coerção.

Para os estudiosos, “a autoridade carismática repousa nas qualidades do líder e do chefe [...] o carisma se refere às capacidades subjetivas do professor para suscitar a adesão dos alunos, ou seja, à sua “personalidade” profissional como meio utilizado na ação” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 266).

Ao final da publicação, o professor mantém o tom afetivo e manda beijos para os alunos e os deseja uma “ótima semana”.

Em um segundo plano, percebemos a existência de 11 comentários (interações verbais ou mútuas), dos quais apenas 7 podem ser visualizados.

O primeiro deles tem como interlocutor uma das alunas que foi chamada a atenção por não ter comparecido à aula. Fazendo uso da intimidade que parece ter com o professor, a aluna inicia seu comentário rindo (“kkkkkk”) e afirma que “não fui na quarta, porque esqueci e na quinta, porque eu tava com muito sono e fui dormir! Kkk, beijos.”.

O professor volta ao ciclo da interação e agradece pela sinceridade, mas torna a cobrar a presença da aluna, de uma forma afável: “Mas veja se lembra na próxima semana...lembre-se que já estamos na reta final do curso! Abraços”. O tom cuidadoso empregado pelo professor parece surtir efeito, uma vez que a aluna pede desculpas e diz que lembrará sim de comparecer à aula na próxima semana.

O professor, em seguida, pede para que a aluna avise aos demais faltosos sobre a necessidade de participação no curso, já que este se encontra em sua etapa final. No

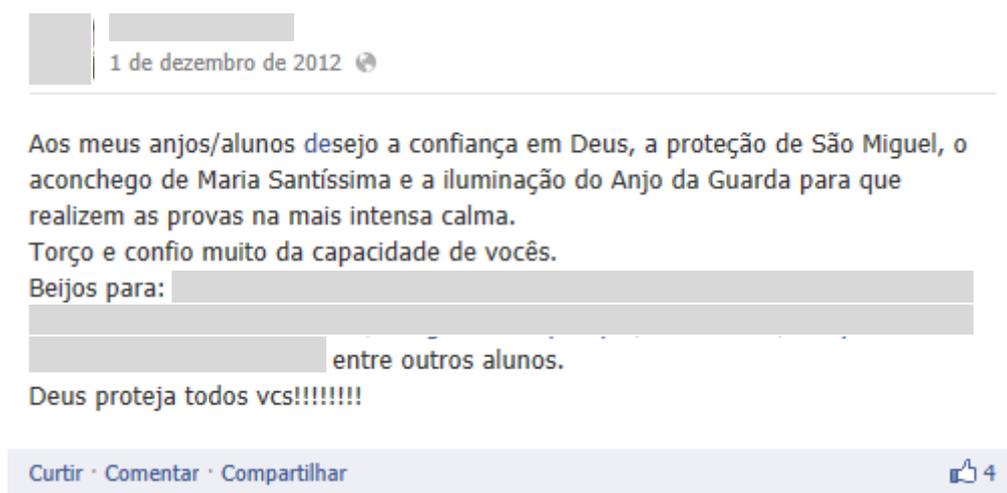
entanto, o pedido de aviso ainda está imbuído desse tom cauteloso, de amizade, de uma autoridade carismática. Vejamos: “Tá ok...se vc puder dá um toquezinho p lembrar a Germana e Geissy tbm, certo? Até lá”.

A aluna responde “ok”, significando que transmitirá o recado e manda um beijo, simbolizado pelo uso de “=*”.

No penúltimo comentário, por sua vez, outro interlocutor participa do processo interativo, afirmando que ficou satisfeita pelo professor ter gostado da participação e dos resultados obtidos com a produção do artigo de opinião. Depois, o mesmo interlocutor afirma: “fico feliz em saber q aprendi algo kkkk”. O enunciado demonstra que o processo de aprendizagem, assim como o de interação são sempre dialógicos, evidenciando a interdependência com o outro, uma vez que para aprender é necessário a existência de alguém disposto a ensinar.

Por fim, a última publicação guarda semelhanças com as já expostas, sobretudo no sentido de manter os alunos em sintonia com o professor, através do uso da rede social.

Figura 15: Publicação “todos os santos”



A publicação acima foi extraída de um perfil pertencente a um professor no *Facebook*. Como podemos notar, o docente – através do enunciado proferido – apela para o discurso religioso para desejar aos seus alunos “que realizem as provas na mais intensa calma”.

O uso do nome de santos como “São Miguel”, “Maria Santíssima” entre outros, corroboram o argumento de que o discurso religioso permeia todo o enunciado, reforçando a ideia de um sujeito-professor com convicções baseadas nos preceitos católicos.

Em um segundo plano, percebemos que o professor lança mão de uma estratégia de motivação, muito comum para estabelecer relações afetivas com os discentes, afirmando que acredita na capacidade de todos eles. Vejamos: “Torço e confio muito da capacidade de vocês.

Ainda demonstrando a relação carinhosa com seus alunos, o professor lista uma série de nomes e os mandam beijos. Ao final, confirmando mais uma vez a posição de professor e religioso, conclui: “Deus proteja todos vcs!!!!!!”

Notemos ainda que, ao contrário do que acontece nas publicações anteriores, nenhum dos alunos interagiu verbalmente com o professor, apenas utilizando a opção “curtir” para demonstrar uma espécie de adesão ao que estava sendo dito. Discursivamente, podemos dizer que o aparente silêncio dos alunos está relacionado ao fato dos mesmos terem restrições de escreverem para o professor, uma vez que esta escrita exige uma maior elaboração, um maior cuidado, o que não acontece nas situações de escrita cujos destinatários são os colegas de classe, por exemplo.

Outra possibilidade de leitura/interpretação talvez esteja relacionada ao fato de que, através da opção “curtir”, os alunos não se expõem da mesma maneira que em um comentário, já que ao comentar eles não tem a noção da repercussão que o enunciado poderá gerar.

No entanto, o que vale ser ressaltado nessa e em todas as outras publicações pertencentes a essa categoria é o fato da docência ser eminentemente um trabalho emocional, como nos diria Tardif e Lessard (2009), baseados nos postulados de Hochschild. Segundo os autores, “o trabalho emocional requer um trabalho que ultrapassa as capacidades físicas e mentais, pois exige um forte investimento afetivo do trabalhador” (op.cit., p. 269).

Ainda importante se faz ressaltar que, embora ao longo dessa análise não tenhamos feito qualquer distinção de gênero, afirmando serem os enunciados proferidos por professores do sexo feminino ou masculino, com o intuito de preservar ao máximo os sujeitos pesquisados, aqui se faz relevante afirmar que todos os enunciados inclusos nessa categoria partiram de professoras, corroborando a tese de Tardif e Lessard (2009) de que “o *emotional labor* é atributo, sobretudo, das mulheres que, mais do que os homens, costumam colocar sua afetividade em jogo no trabalho e fazer dela um componente importante” (op.cit.,p.269).

Ademais, torna-se oportuno observar que tais publicações demonstram que o uso do *Facebook* pelos professores ultrapassa a dimensão do fornecer dicas gramaticais, embora seja legítima a constatação de que isso aconteça, como revelamos a partir dos exemplos elencados na primeira categoria.

Entretanto, as interações afetivas aqui exemplificadas figuram como um desdobramento das interações sociais, com a diferença de que estão totalmente voltadas para um público específico, os alunos, o que demonstra que as interações aqui estabelecidas podem configurar-se como laços que se estreitam para além dos muros escolares, ao contrário do que acontece com aquelas, cujas interações acontecem com um grupo indiscriminado, ou melhor dizendo, com qualquer um dos membros que façam parte da lista de amigos dos professores na rede social.

3.2 Os enunciados dos professores em relação ao uso do *Facebook*

Neste tópico serão contempladas as análises referentes à segunda etapa da nossa pesquisa, que visa responder a seguinte pergunta: o que os enunciados-discursivos dos professores revelam no que diz respeito ao uso do *Facebook*?

Para responder a essa pergunta, realizamos entrevistas semi-estruturadas com seis professores de língua portuguesa, selecionados com base nos critérios expostos no capítulo dedicado ao delineamento do percurso metodológico.

Ainda em caráter de recuperação, vale lembrarmos que o roteiro de entrevistas foi elaborado seguindo três critérios norteadores: 1) tempo de uso e frequência de acesso à rede social; 2) interação com os alunos; e, 3) trabalho com a língua/linguagem a partir do Facebook.

Notemos que os dois últimos critérios estão intrinsecamente relacionados ao nosso objetivo e atendimento à pergunta de pesquisa ora elencada, sendo, por isso, essenciais na construção das análises e discussões que serão realizadas.

Entretanto, os dados obtidos a partir do primeiro critério também servirão de parâmetros balizadores para o entrecruzamento dos dados que trarão pertinentes contribuições para esta análise, figurando, por isso, como o primeiro subtópico a ser apreciado.

Após a realização das entrevistas com os sujeitos selecionados e tomando por base as perguntas que atendem aos dois últimos critérios já elencados, os dados obtidos nos levaram a duas possibilidades de discursos que revelam: a) reconhecimento do potencial pedagógico da rede e, b) resistência ao uso da rede.

Vale ressaltar que a denominação das mesmas tem a sua razão de ser. Como dito no momento em que traçamos o percurso metodológico, os enunciados-discursivos de alguns professores tinham a tendência de revelar que reconheciam a importância da interação promovida entre docentes e alunos, bem como do possível trabalho com a

língua/linguagem por meio do *Facebook*, enquanto em outros observamos uma forte resistência em relação aos mesmos aspectos.

Seguindo uma ordem linear que facilitará a organização e interpretação dos dados, essas categorias serão apreciadas nos subtópicos finais dessa análise podendo, inclusive, serem encontradas diluídas em partes diversas do texto.

3.2.1 *Tempo de uso e frequência de acesso à rede social*

A primeira pergunta feita aos professores entrevistados tinha a finalidade de saber a quanto tempo os mesmos utilizavam o *Facebook*. As respostas não tiveram muitas variações, afirmando os seis entrevistados que utilizavam a rede social há cerca de dois anos.

P1: Acho que aproximadamente... uns dois a três anos...acho que **desde que o Facebook começou**

P2: eu faço uso **desde que iniciou**...acho que desde 2011

P3: Desde 2011

P5: Não tenho certeza...mas acredito que mais ou menos dois anos...dois anos e meio

Notemos que **P1** e **P2** ao responderem que desde o ano de 2011 utilizam o Facebook, referem-se a este ano como se ele, de fato, fosse o marco de origem da rede social. Na verdade, ao fazerem essa afirmação, os professores estão se referindo ao momento em que a rede social ganhou maior notoriedade no Brasil, o que demonstra e reforça o uso social da rede, uma vez que se inserem na sociedade da cibercultura.

No entanto, dois professores, representados por P4 e P6, apesar de corroborarem com o tempo estimado pelos outros entrevistados, fazem certa distinção em relação ao tempo de uso do *Facebook* para fins pessoais daquele realizado para fins pedagógicos, demonstrando que o uso da rede social não foi inicialmente motivado por finalidades

pedagógicas, mas sim pela inserção desses profissionais em práticas digitais da contemporaneidade. Vejamos:

P4: bem...o Facebook pessoal eu acho que faz uns dois anos...dois anos e meio... e **o Facebook do projeto também tá nessa faixa de dois anos né?...não...Facebook tá menos... um ano...porque antes era o Orkut que a gente usava**

P6: Facebook eu faço uso contínuo desde o momento que a outra rede social...o Orkut...foi cancelado...basicamente... deixou de ser usado...então eu migrei pra o Facebook e passei a participar de maneira mais ativa...no entanto....com relação ao projeto...apenas de...do segundo bimestre pra cá a gente vem desenvolvendo as atividades dentro do Facebook com relação ao projeto

Nestes dois fragmentos, um detalhe nos chama a atenção. Para **P4** e **P6**, o marco norteador do tempo em que utilizam o Facebook é o cancelamento de outra rede social, o Orkut, sem fazer qualquer precisão temporal (no caso de **P6**), embora esteja subentendido que o entrevistado também faz uso do Facebook há cerca de dois anos, já que a “extinção” da rede social Orkut está estimada justamente nesse lapso de tempo.

A segunda pergunta feita aos professores dizia respeito à frequência com que costumavam acessar o Facebook. De forma geral, todos os entrevistados responderam que diariamente.

P1: Todos os dias...todos os dias...mas por causa dessa rotina que eu tenho... dando aulas... que é o meu trabalho...de preferência acesso à noite

P2: Todos os dias...éh...não entro mais de uma vez por dia por não ter tempo... mas se tivesse entraria...quando estou de férias eu entro e passo bastante tempo...como estou numa rotina de estudos muito grande...eu estou me policiando para entrar no máximo meia hora...quarenta minutos...mas só por causa dessa situação... mas por mim eu entraria mais tempo

P3: Todos os dias...várias horas por dia ((riu))

P4: Todos os dias né?...a frequência é todos os dias...pra vê as atualizações...agora...o meu Facebook pessoal...o do projeto acho que uma vez ou duas por semana...dependendo da quantidade de materiais pra divulgar

P5: ((riu)) sempre que possível...diariamente...a não ser quando acontece de não ter internet...ou de não ter de forma nenhuma o acesso...porque a rede é um vício...é viciante

P6: todos os dias...todos os dias eu acesso a rede

Vejamos, entretanto, as peculiaridades nas respostas dos entrevistados, cujos fragmentos estão em negrito. **P2** afirma que gostaria de ter mais tempo para acessar a rede e que não o faz devido à rotina de estudos, mas “quando estou de férias entro e passo bastante tempo”.

P3, por sua vez, demonstra que também acessa sua rede social todos os dias, “várias horas por dia”. O riso marcado após o enunciado pode ser interpretado como uma denúncia de que essas várias horas podem extrapolar o máximo de tempo que a pesquisadora poderia imaginar, figurando esta como o interlocutor imediato, o ‘outro’ na perspectiva dialógica da linguagem.

P5, em seu turno, corrobora com o que dizem os demais, acrescentando um enunciado categórico no que diz respeito ao uso da rede: “a rede é um vício, é viciante”. O enunciado é relevante pelo fato de resumir e perpassar todos os demais discursos proferidos, demonstrando que utilizar o *Facebook* é uma prática corriqueira, social, já implementada no cotidiano das pessoas e, mais do que isso, por seu alto grau de atração torna-se um verdadeiro “vício” para quem a utiliza.

Mais uma vez, os enunciados-discursivos proferidos guardam uma forte relação com os dados obtidos na primeira etapa do nosso estudo, em que constatamos, através do número de publicações capturadas (cerca de 60), a predominância do uso do *Facebook* pelos professores para estabelecerem interações tipicamente sociais.

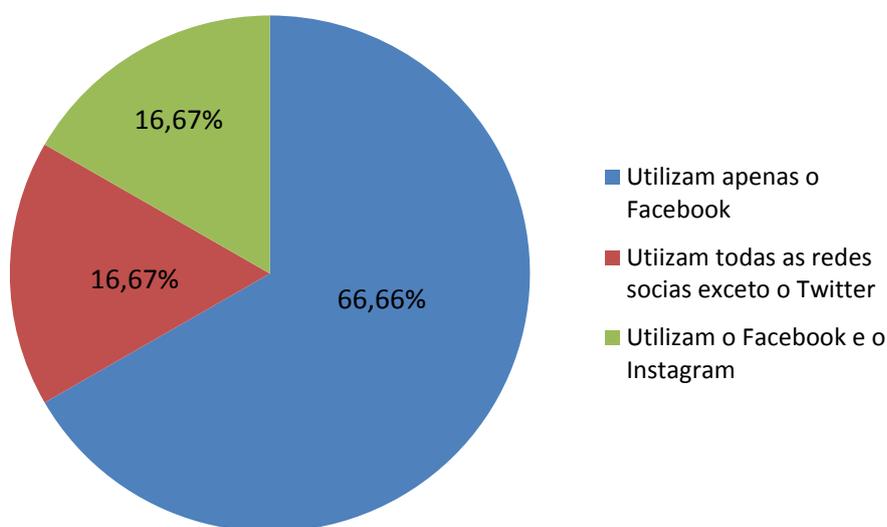
A terceira pergunta realizada teve o objetivo de averiguar se o *Facebook* figurava como a única rede social utilizada pelos professores. Apresentando poucas variações, dos 6 (seis) participantes, 4 (quatro) deles revelaram possuir o *Facebook* como a única rede social. Desses 4 (quatro), 2 (dois) admitem que já tiveram outras redes como o *Orkut* e o *Twitter*, embora atualmente desativados.

Ainda encontramos um professor que diz não fazer uso apenas do *Twitter*, isto é, afirma utilizar *Orkut*, *Facebook*, e-mails, blog, considerando os últimos como sites de

redes sociais. Por fim, um dos professores admite utilizar o *Facebook* e o *Instagram* como suas redes sociais prediletas.

Os dados acima revelam a massificação do *Facebook*, uma vez que 66,66% dos sujeitos entrevistados admitem ser ela a única rede social que atualmente possuem. Compreendamos melhor estes números a partir do gráfico abaixo:

Gráfico 1: O uso das redes sociais em números



O gráfico também é revelador sob o seguinte prisma: além da constatação de que 66,66 % dos professores admitem ser o *Facebook* a única rede social mantida por eles, a outra parcela de docentes não exclui o uso do *Facebook*, ao contrário, enfatizam a utilização dele juntamente com outras redes sociais, a exemplo do *Instagram*, rede cujas publicações (preponderantemente compostas por imagens) podem ser vinculadas diretamente ao Facebook, implicando na socialização das imagens em ambas as redes.

3.2.2 Interação com os alunos

Seguindo a linearidade com que nos comprometemos, a fim de garantir uma organização lógica dos dados, passamos a partir de agora a analisar as perguntas e respostas relacionadas ao critério interação com os alunos.

Faz-se também necessário esclarecermos que, inicialmente, analisaremos os enunciados enquadrados na categoria reveladores de reconhecimento, tendo em vista que dos 6 (seis) professores entrevistados, 5 (cinco) revelaram, explícita ou implicitamente, interagirem com seus alunos através da rede social com a finalidade de construir uma relação que ultrapasse os limites da sala de aula.

3.2.2.1 Enunciados reveladores de reconhecimento no tocante ao critério interação com os alunos

A quarta pergunta realizada tinha por objetivo elencar os motivos pelos quais os professores mantinham em sua rede social os seus alunos. Resguardadas algumas variações, a maioria dos enunciados-discursivos proferidos revela a postura de um professor que utiliza o *Facebook* como espaço de estreitamento das relações, coadunando com os dados obtidos na primeira fase desta pesquisa, sobretudo daqueles elencados na categoria lugar de interações afetivas. Vejamos os fragmentos abaixo:

P2: Éh...quando eu iniciei o ano letivo com os meus alunos... não foram eles que me perguntaram se eu que tinha Facebook...eu que disse que tinha... e falei pra eles que se eles quisessem... me convidar ou fazer parte dos meus amigos...no caso eu coloquei no quadro o meu email e no mesmo dia começamos essa interação...eu achei importante porque eu gosto de está partilhando coisas com eles e **gosto que eles estejam fazendo parte da minha vida não só na sala de aula...mas quando eles não estiverem no âmbito da escola.**

P3: Por que eu mantenho?...**para interagir de maneira mais próxima...**dentre o contato com os alunos...haja vista que o espaço de sala de aula é reduzido e restrito...**é uma maneira de manter uma relação afetiva...que na sala de aula nem sempre é permitido** por causa da...da postura de professor que em alguns momentos sobressai..ahn...algo até mais...digamos...mais impositivo...pra controlar a turma...e isso em algumas turmas...dependendo do contexto...acaba causando uma visão no aluno de que o professor é autoritário...ou o professor precisa controlar a turma e o aluno esquece o lado humano do professor também...então **o Facebook acaba permitindo essa...essa proximidade humana... entre professor e aluno.**

P5: a questão assim...do Facebook...**é uma rede que a gente consegue manter esse contato com as pessoas...**independente do...do nosso grau de convívio...digamos assim...**então a questão dos alunos...eles geralmente**

perguntam...a primeira coisa... geralmente primeiro dia de aula que a gente vai se apresentar...uma das perguntas é “professora tem Face?”...”tem Orkut?”...hoje o Orkut não mais porque tá fora de moda...digamos assim...mas geralmente parte deles...eles enviam os convites e eu os adiciono.

Em decorrência da fluidez natural dos enunciados produzidos no processo de interação verbal, podemos ainda apresentar dois fragmentos que ilustram certo desdobramento da categoria a rede como lugar de interações afetivas, tendo em vista que os enunciados apontam para uma rede social que ultrapassa as relações estritamente afetivas, possibilitando também ações um pouco mais voltadas para as questões didáticas, como podemos observar ao final dos fragmentos:

P4: é uma forma de aproximar mais os alunos né... da nossa...assim... da nossa realidade mesmo... de na sala de aula mesmo o aluno não vê o professor como aquele...aquela pessoa distante...então aproxima mais o professor do aluno e assim...também ajuda... viabiliza também o acesso ao professor...o aluno também tem essa ferramenta de ter esse contato direto com o professor...e aí também a questão do próprio conteúdo escolar pode tá se tirando dúvidas através dessas redes sociais.

P6: porque eu acredito que a gente fica muito mais próximo dos alunos...no momento em que a gente...o Facebook revela muito um personagem...então a partir do momento que eu tenho mais contato com eles pelo Facebook...eu estreito os laços...e eu entendo o Facebook como a extensão da sala de aula...então se eu posso desenvolver atividades no Facebook que venham cooperar com aquilo que eu tô trabalhando em sala de aula...então por que não inserir meus alunos dentro do Facebook pra...com esse fim...com essa finalidade de...de tentar levar da sala de aula pra rede social ? ...que é um ambiente que eles frequentam o tempo inteiro...sai da sala de aula...senta na cadeira em casa e passa o restante do dia lá...então por que não a gente estender o trabalho da sala de aula pra dentro de casa através da rede social?

A pergunta subsequente tinha a finalidade de entendermos de que forma acontecia essa interação entre docentes e alunos. Mais uma vez, os enunciados apontam para a forte tendência em manter-se interações do tipo reativa, como diria Recuero (2009), típicas da própria dinâmica das relações em rede.

Além do mais, apontam para a predominância de interações tipicamente sociais, em que as questões voltadas ao trabalho efetivo com a linguagem são pouco exploradas, conforme ficará demonstrado no tópico seguinte. Por ora, vejamos:

P1: Na verdade eu compartilho...com alguns eu marco...por exemplo...os assuntos relacionados a futebol.. algumas vezes eu marco alguns alunos [...]

P2: a interação é feita de muitas formas...quando os alunos completam ano eu parabeno eles via Facebook...eu coloco no meu mural... eu sempre curto o que eles colocam...eu sempre comento as fotos deles ...converso com eles... então acho que a interação é feita quase de todas as formas que o Facebook possibilita.

P4: a gente curte...comenta fotos...pra eles se sentirem...digamos assim incentivados.....então coisas que eles publicam...as vezes charges...tirinhas... que são gêneros próprios dessa...dessa rede aí a gente vai lá e comenta...curte...pra eles se sentirem privilegiados também.

P5: assim...éh...a respeito dessa interação...ela ocorre tanto na questão de eu curtir...compartilhar... ou comentar as publicações dos alunos...dependendo do nível dessa publicação...como de eles comentarem as minhas publicações.

Notemos, pois, que os enunciados-discursivos dos professores revelam uma interação construída em rede voltada para assuntos mais pessoais, a exemplo do parabenizar os alunos pelo seu aniversário e o curtir fotos. Torna-se, assim, amplamente reiterado o que já havíamos constatado na primeira fase da nossa pesquisa: o *Facebook* é, genuinamente, o lugar das interações sociais.

3.2.2.2 Enunciados reveladores de resistência no tocante ao critério interação com os alunos

Ainda na seara de discussões sobre a interação dos docentes com os alunos via *Facebook* um dos enunciados proferidos nos chama a atenção justamente pelo fato de revelar um professor pouco receptivo às relações proximais estabelecidas, reconhecendo que elas só acontecem por existir um interesse expresso dos alunos. Vejamos:

P1: Primeiro porque eles... a primeira coisa quando a gente chega na sala de aula e tá conhecendo a turma eles perguntam... “professor você tem face né?”...então parte deles...mas do que do meu interesse...até preferiria que eles não tivessem acesso ao meu perfil... uma vez que eu posto coisas pessoais e que talvez isso possa gerar uma repercussão... mas como eles

estão lá eu procuro manter uma relação saudável, agradável e utilizar o Facebook como uma ferramenta de divulgação de notas...de provas...é isso.

Assim como nos discursos reveladores de reconhecimento, notamos mais uma vez aqui a exteriorização de uma premissa básica: todos os alunos estão interessados em adicionar seus professores à sua rede social. No entanto, P1 afirma categoricamente a preferência em não mantê-los em sua rede, uma vez que, em se tratando de uma rede particular, alguns problemas, “repercussões” poderiam ocorrer.

É de bom alvitre, ainda, correlacionarmos o enunciado ora analisado com outro que o segue, na tentativa de ilustrarmos a resistência apresentada por P1:

P1: [...] em geral é uma pequena minoria que se aproxima mais da gente porque a gente vai tendo uma interação mais social...**se for dentro de uma relação pedagógica ou de ensino a gente não pode fazer essas interações bem mais proximais... mais próximas.**

O fragmento acima exposto é a continuação de um enunciado proferido no momento em que indagávamos o professor a respeito de como as interações entre ele e seus alunos aconteciam no *Facebook*.

O enunciado é revelador da resistência do professor quanto às relações pedagógicas ou de ensino construídas através das redes sociais, fato este que será corroborado mais adiante quando expusermos o seu discurso pouco favorável à implantação de um trabalho com a língua/linguagem através da rede social.

Por ora, é plausível interpretarmos o enunciado do professor trazendo à baila o que nos dizem Veen e Vrakking (2009, p. 27): “os alunos de hoje demandam novas abordagens e métodos de ensino para que se consiga manter a atenção e a motivação na escola”. No entanto, repensar essas abordagens e métodos de ensino requer considerarmos a tecnologia não como ameaça, negligenciando-a, mas como uma oportunidade de dar nova forma à educação do futuro.

3.2.3 Trabalho com a língua/linguagem

Ainda em caráter de recuperação e na busca de uma organização linear do processo de interação que deu origem ao nosso *corpus* de análise faz-se oportuno elencarmos as perguntas e respostas referentes ao critério trabalho com a língua/linguagem.

É de bom alvitre que também esclareçamos como procederemos nesta fase da análise. Ao contrário do que fizemos no momento em que analisamos os enunciados-discursivos sobre a interação dos alunos com os professores apresentando, *a priori*, os enunciados reveladores de reconhecimento e, *a posteriori*, os enunciados reveladores de resistência, analisaremos aqui os enunciados sob a rubrica de uma única categoria, a reveladora de resistência, uma vez que, em virtude da natureza e interpretação dos dados, chega-se à conclusão de que todos os docentes entrevistados, em maior ou menor proporção, apresentam discursos que oscilam entre dois extremos do que aqui consideramos como resistência.

No primeiro extremo circulam os discursos que tendem ao reconhecimento da possibilidade do *Facebook* ser explorado no ambiente escolar, especificamente pelos professores de língua portuguesa para o desenvolvimento de um trabalho com a língua/linguagem.

Em contrapartida, encontramos no outro extremo os enunciados-discursivos que reforçam a ideia de que não existe formação/ capacitação para o desenvolvimento de um trabalho dessa natureza, além de alegações outras que estão no mesmo âmbito dessa cadeia enunciativa.

3.2.3.1 Enunciados reveladores de resistência no tocante à viabilidade do trabalho com a linguagem através do *Facebook*

Ao indagarmos os professores sobre a possibilidade de inserção da rede social no ambiente escolar com o intuito de desenvolver um trabalho com a língua/linguagem, sem quaisquer ressalvas, todos responderam, *a priori*, que acreditavam nessa incorporação.

No entanto, o que nos chama a atenção são os desdobramentos desse discurso, que destoam desse reconhecimento inicial, revelando o que optamos por denominar de resistência.

A resistência no discurso de **P1** reside no momento em que demonstra que o trabalho com a linguagem desenvolvido via *Facebook* poderia não surtir os efeitos desejados justamente por ser a rede uma “vilã da distração”, – para sermos fiéis às palavras do professor – além do fato de afirmar que há muitos conteúdos a serem ministrados e que a direção da escola impõe regras para que o conteúdo programático seja impreterivelmente cumprido. Vejamos:

P1: Acredito...mas eu juro que... hoje o Facebook por ser algo do momento...a gente tá dando aula...seja uma aula de interação ou tradicional...mas o menino tá ligado no ipod, no iphone em sala de aula e muitas vezes isso **se torna um vilão né?... um vilão de distração...**por outras vezes eu penso que se eu entrasse... se dissesse...tá todo mundo aí com o celular...no Facebook...então vamo fazer agora aqui uma aula sobre isso...talvez eu penso que isso resultaria em algo positivo pra o ensino de Língua Portuguesa...mas eu **tenho medo de se perder o domínio de conteúdo...que a gente tem um conteúdo imenso a ser trabalhado....minha realidade é de escola particular.. tem toda uma gestão que policia o conteúdo...eu tenho que prestar contas e além do mais a escola faz restrição ao uso de aparelhos celulares... e na minha realidade não tem laboratório de informática...então fica as vezes vetado essa minha possibilidade de trabalhar mas...mesmo a escola restringindo... os alunos estão lá...estão no Face.**

Atentemos para o fato de que, apesar de não estarem grifados, os primeiros enunciados do professor corroboram o que já afirmávamos anteriormente: há o reconhecimento de que os alunos estão em sala de aula com seus celulares ou outros aparelhos tecnológicos e que, na função de professor de língua portuguesa, poderia

aproveitar essa oportunidade e desenvolver um trabalho que contemplasse as dimensões linguagem e tecnologia.

Observamos, contudo, a preocupação do professor em exemplificar um dos contextos didáticos em que utilizou as publicações do “Bode Gaiato” – personagem criado no *Facebook* com características regionais fortemente marcadas, sobretudo em virtude da linguagem utilizada – para justificar a tentativa de estabelecer *links* entre o que circula na rede e o trabalho realizado em sala de aula. Atentemos para o fragmento abaixo:

P1: Estava pensando na história do “ave maria, mainha” né? e consegui trabalhar isso na sala de aula.. dentro da...da perspectiva da variação linguística...não mostrando aquilo como algo marginal...mas mostrando sobretudo que é algo típico do Nordeste...que reproduz o padrão linguístico da região...e mostrando essa condição que o riso...as vezes...né? que o lado do humor as vezes é alicerçado...alicerçado não...consolidado com o lado da variação linguística...que muitas vezes a nossa fala do nordestino ela é marginalizada.

Em continuidade a cadeia enunciativa iniciada por P1, **P2** afirma também acreditar na possibilidade de implantação do *Facebook* para desenvolver um trabalho com a linguagem, no entanto, outros entraves – a falta de formação – são postos para justificar aquilo que não é feito, ou pelo menos é feito em partes. Vejamos:

P2: com certeza... éh...eu tenho consciência que o Facebook pode ser uma ferramenta muito rica para o trabalho de língua materna... no entanto eu vejo que eu não tenho uma formação para tal...então fica um pouco difícil levar essa proposta para minha sala de aula...como eu tenho carência dessa formação... éh... eu uso pouco disso na sala... mas eu sei que essa ferramenta é muito mais rica e o que realmente falta é a formação.

Notemos, no entanto, que há também no discurso de **P2** a tentativa de esboçar uma situação específica em que utilizou a linguagem informal do Facebook para dirimir dúvidas a respeito da adequação de uso da linguagem formal e informal. Observemos o fragmento que segue:

P2: a última vez que eu usei foi.. os alunos... entraram numa discussão dizendo que como eu sou professora eu não iria conversar com eles na linguagem mais informal...e nessa aula...eu... até... **meu planejamento até ficou de lado...e entrei com outra temática...então eu disse olhe... aquele contexto de comunicação permite que nós abreviemos, permite que a gente fale...fale de uma forma mais descontraída...e pra eles foi uma novidade...porque eles juravam que ali nós... nunca falem com a professora daquele jeito porque a professora não vai gostar... então pra mim eles justificaram isso né?...e eu fiquei muito satisfeita... porque hoje eles conversam comigo à vontade...e não tem a preocupação...não ficam traumatizados.**

Os enunciados-discursivos de **P3**, apesar das delongas construídas, podem ser sintetizados e interpretados seguindo a mesma linha de raciocínio aqui mantida, ou seja, acredita-se na possibilidade de um trabalho com a linguagem através do Facebook, com a ressalva de que este processo só poderia ser efetivado fora da sala de aula, sob a alegação de que nesse espaço não existem computadores.

P3: Eu não vejo o Facebook NA sala de aula...mas eu vejo como uma ferramenta PARA e A PARTIR da sala de aula... porque na sala de aula ainda não tem computador pra todo mundo...no laboratório de informática tem.

A exemplo dos enunciados-discursivos anteriores, **P3** também esboça uma situação isolada de como realizou esse trabalho com a linguagem através do *Facebook*, privilegiando, contudo, ações mais voltadas para questões pedagógicas, como o tirar dúvidas sobre as redações do ENEM. Vejamos:

P3: [...] Por meio do Facebook os alunos falavam como tinha sido o desempenho na...na prova do ENEM...na prova de redação...alguns digitaram toda a prova...antes de sair o resultado...digitaram toda a prova...o rascunho que eles tinham...pra que eu analisasse a prova deles... antes de o ENEM dizer o resultado...foi um comprometimento né?...mas enfim...eu analisei a prova deles... e depois do resultado do ENEM também os alunos agradecendo o trabalho...agradecendo o trabalho de professora por causa do resultado do ENEM...outros pedindo dicas...assim...de como pode melhorar o desempenho nas próximas edições do ENEM.

P5, em seu turno, também reconhece o *Facebook* como uma rede profícua para o desenvolvimento de um trabalho com a linguagem, no entanto, a resistência encontra-se marcada no discurso ao afirmar que não saberia a forma de concretizar esse trabalho,

tendo em vista o maior domínio e familiarização dos alunos com as ferramentas disponíveis na rede se comparados aos conhecimentos do professor.

P5: eu acredito sim que é uma...uma ferramenta possível de integrar à nossa realidade...principalmente do ensino de língua portuguesa...mas assim...de que forma isso pode acontecer...é que é uma situação que a gente para um pouco pra pensar...porque algumas questões são evidentes...primeiro... os alunos tem um domínio dessa ferramenta muitas vezes bem maior que o nosso... então eu acredito que assim...talvez se a gente começasse a ver...até mesmo a publicação de estudos... mostrando como...meio que espécie de laboratórios...testes...de como essa ferramenta pode ser usada pra determinado fim...como por exemplo... o trabalho com produção textual...ou interpretação de texto...ou até mesmo o ensino de gramática.

Notemos, pois, que os discursos de **P5** e **P2** guardam uma certa confluência, tendo em vista que enaltecem a necessidade de uma formação: em **P5**, uma formação pautada em pesquisas realizadas na área que possibilitem uma apropriação teórica para efetivação em termos práticos.

Os enunciados-discursivos de **P4** e **P6**, propositadamente, são derradeiramente apresentados, tendo em vista que demonstram, segundo nossas interpretações, uma resistência velada, uma vez que ambos, apesar de afirmarem ao longo do processo de interação verbal possuir páginas no *Facebook* criadas para o desenvolvimento de um trabalho voltado para o trato das questões com a linguagem, as páginas ora mencionadas (respectivamente denominadas “Nas trilhas da Língua Portuguesa” e “Proverbiando”), quando observadas sistematicamente na primeira fase da pesquisa, revelam-se muito mais como um espaço de interações pedagógicas, nas quais predominam a publicação de fotos de atividades realizadas em sala de aula, lembretes etc., do que um trabalho notadamente voltado para reflexões acerca das especificidades da linguagem.

No caso de **P4**, especificamente, há uma peculiaridade que precisa ser considerada. Por ser um professor ainda em processo de formação inicial e participante de um projeto voltado para a iniciação à docência utiliza a rede social, sobretudo, como

espaço de divulgação, haja vista ser esta uma das “políticas” dos responsáveis pela coordenação do projeto.

Ao ser perguntado sobre a influência de tais políticas no trabalho desempenhado e nas interações estabelecidas com os alunos na página criada, P4 afirma categoricamente que as interações são muito mais intensas no seu perfil pessoal no *Facebook* do que na página do projeto, reiterando o que já esboçávamos anteriormente: a página talvez não seja atrativa o suficiente por ser um lugar apenas de divulgação de fotos, lembretes etc. Vejamos:

P4: a gente divulga o Face do projeto e eles acabam meio que querendo mais ter contato com o Facebook do próprio professor diretamente mais do que no Face do projeto...e a gente acaba incentivando “a gente adiciona vocês no nosso Facebook...mas adiciona no do projeto também”...então eles querem essa interação...é uma forma que eles veem também de se aproximar do professor...e a gente vê que isso parte deles...a gente mesmo que tá divulgando... mas eles que pedem “professora, me adiciona no Facebook”... e lá a gente percebe quando a gente entra eles fazem pergunta...”ah, o que vai ter na próxima aula?”...como é que vai ser... “vou faltar tal dia”... “pra próxima aula o que tem pra entregar?”...então no pessoal...eles acabam se comunicando mais no Facebook pessoal do que no do projeto.

Os enunciados-discursivos de **P6**, por sua vez, são reveladores de resistência no momento em que afirma ter criado a página “Proverbiando”, mas que a mesma ainda encontra-se em construção, na tentativa de justificar o porquê de não termos encontrado, durante a observação sistemática realizada na primeira fase, conteúdos relacionados a um trabalho efetivo com os ditos populares consagrados culturalmente, e sim, um típico mural de fotos. Vejamos:

P6: a gente estende aquilo que a gente faz em sala de aula...então ali será postadas as atividades que foram desenvolvidas em sala de aula como também as fotos...as imagens que a gente tirou naquele período...então lá a gente dá funcionalidade aquilo que foi feito em sala de aula...tanto do trabalho escrito...que lá vai ser postado...como também das imagens... que os colegas das outras escolas vão ter oportunidade de visitar a página e observar que...aqui na sala de aula eles trabalharam de tal forma...eles brincaram de cantiga de roda...enfim...que eles participaram de momentos culturais dentro de sala de aula e que isso foi estendido lá pra rede social a partir das imagens fotográficas.

Notemos, pois, que os enunciados-discursivos proferidos pelos professores em relação ao trabalho com a linguagem fluem da capacidade de reconhecimento que a rede social possui até a resistência em efetivar esse trabalho. Em P1, P2, P3 e P5 uma resistência explícita, sob a forma de um discurso em que a falta de formação, a necessidade de priorizar os conteúdos escolares, a falta de computadores em sala de aula e de pesquisas que orientem o professor na imersão de uma proposta de trabalho com a linguagem via *Facebook* ganha força.

Enquanto em P4 e P6 uma resistência disfarçada, que revela-se naquele por meio de um discurso subliminar de que a utilização da página do projeto, embora funcione como espécie de “vitrine” para divulgação do projeto, em virtude de determinações superiores, também é acessada pelos discentes, diga-se de passagem, em menor proporção quando relacionada as interações realizadas no perfil pessoal do professor.

Em P6, por sua vez, a resistência instaura-se no momento da exaltação da criação de uma página para explorar o trabalho desenvolvido nas aulas de língua portuguesa com os provérbios, porém, ainda não desenvolvido – pelo menos até o momento de realização das entrevistas – limitando-se à publicação de fotos, conforme constatamos através dos enunciados do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das perguntas de pesquisa e os objetivos geral e específicos definidos na introdução dessa dissertação, obtemos resultados a partir dos quais podemos apresentar algumas reflexões.

De acordo com a primeira pergunta “O que os professores de língua portuguesa fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem)?”, identificamos através da observação sistemática das publicações nos perfis dos professores, bem como das publicações exibidas em páginas voltadas para esse público, três usos que levam à indicação da rede como o “lugar da gramática”, como “lugar das interações sociais e “a rede como lugar das interações afetivas”, que correspondem às três categorias analisadas ao longo do nosso estudo.

Para corresponder a esta pergunta, descrevemos e interpretamos sobre o que os professores fazem na rede em relação ao seu objeto de ensino (objetivo 1), e concluímos que os professores utilizam, com predominância, o *Facebook* em sua forma mais inerente e genuína: interagindo socialmente, o que demonstra a função social da rede, na qual os professores se entrelaçam em relações sociais ora com seus pares, ora com seus alunos.

Para responder a segunda pergunta de pesquisa “O que os enunciados-discursivos dos professores revelam no que diz respeito ao uso do *Facebook*?”, identificamos e discutimos sobre os enunciados proferidos pelos professores (objetivo 2), em situação de interação verbal construída através de entrevistas semi-estruturadas, que nos permitem elencar duas categorias “reveladores de reconhecimento” e “reveladores de resistência”. Averiguamos aqui enunciados-discursivos que oscilam entre essas duas esferas, uma vez que o caráter múltiplo da interação e “a situação mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, e por assim dizer, a partir do seu interior,

a estrutura da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997 [1929], p. 113), era improvável depararmos com enunciados estáveis, fixos.

A primeira categoria da fase 1, a rede como lugar da gramática, composta por 30 publicações do *Facebook*, envolveu a análise de cinco delas, a saber, *Publicação 1 – Publicação compartilhada por professor sobre verbos*, *Publicação 2 – Publicação da página Língua Portuguesa “acerca de”*, *Publicação 3 – Publicação da página Gramaticando sobre crase* e *Publicação 5 – Publicação “a flôr de zíaco”*.

As publicações 1, 2 e 3 encontravam-se dispostas de modo semelhante aos compêndios gramaticais, nos quais prevalecem a disposição de regras a serem seguidas para que o domínio da norma culta padrão se efetive.

A publicação 4, por sua vez, utilizando-se de recursos como o humor e a disposição de imagens, que auxiliam decisivamente na interpretação do leitor, ainda assim estabelece “dicas” para o “bem escrever”, diferenciando a escrita das palavras “a gente” e “agente”.

A publicação 5, como visto, remete à uma espécie de anúncio publicitário em que o enunciador oferece aos clientes suco de guaraná da Amazônia “a flôr de zíaco”. O professor, por meio do compartilhamento da página, parece não captar a possível intencionalidade do enunciado e, mais uma vez, frisa o erro ortográfico cometido, através do enunciado “é complicado!”.

A segunda categoria da fase 1, a rede como lugar de interações sociais, composta por cerca de 60 publicações, também envolveu a análise de cinco delas, a saber, *Publicação 6 – Publicação Escolas de samba x Escolas públicas*, *Publicação 7 – Publicação Minha sala é um hospício*, *Publicação 8 – Publicação Correção de provas e redações*, *Publicação 9 – Publicação Alunos desesperados* e *Publicação 10 – Publicação da página Professor por vocação*.

As publicações 6 e 7, conforme enfatizado, guardam uma relação não só pela utilização de imagens que conferem a elas ora forte tom de denúncia, ora tom

humorístico, mas em virtude de apresentarem denúncias em relação a duas realidades da carreira docente: a ausência de investimentos nas escolas públicas e a falta de condições de trabalho para o professor que, diariamente, lida com salas de aulas numerosas e com alunos indisciplinados.

De certa forma, observamos que a publicação 8, apesar de não apresentar nenhuma imagem, mantém relação com o discurso instaurado pela publicação anterior: o do árduo trabalho de ser professor, representado na análise pela quantidade de provas e redações a serem corrigidas. A linearidade do discurso mantém-se até a publicação 9.

Por fim, a terceira categoria da fase 1, a rede como lugar de interações afetivas, que agregam 18 publicações, envolveu um processo analítico de cinco delas, a saber *Publicação 11 – Publicação Sucesso na redação do ENEM*, *Publicação 12 – Publicação Reescrita coletiva*, *Publicação 13 – Publicação #Alessandradevolta*, *Publicação 14 – Publicação Produção de artigo de opinião* e *Publicação 15 – Publicação todos os santos*.

Constatamos que as referidas publicações reforçam a ideia de que o *Facebook* amplia as relações estabelecidas inicialmente em sala de aula. Ademais, evidenciam o potencial interativo da rede, inclusive no aspecto afetivo, comprovado pelo número de comentários analisados.

A segunda fase da pesquisa, cujo *corpus* é constituído de trechos transcritos de gravações em áudio, oriundos da realização de entrevistas semi-estruturadas, nos possibilitou a constatação de alguns resultados, baseados em três critérios norteadores: 1) tempo de uso e frequência de acesso à rede social; 2) interação com os alunos; 3) trabalho com a língua/linguagem a partir do *Facebook*.

O primeiro critério proporcionou chegarmos à conclusão de que, em média, os professores entrevistados utilizam o *Facebook* desde meados de 2011, com frequência de acesso diário. Ainda foi possível a constatação de que 66,6% dos entrevistados utilizam o *Facebook* como única rede social.

O segundo critério, interação com os alunos, permitiu estabelecermos duas categorias de análise: a) reveladores de reconhecimento e, b) reveladores de resistência.

Na primeira categoria, salvaguardadas algumas variações, 5 dos 6 sujeitos entrevistados proferiram enunciados-discursivos que revelaram a postura de um professor que utiliza o *Facebook* como espaço de estreitamento das relações, coadunando com os dados obtidos na primeira fase da pesquisa, sobretudo daqueles elencados na categoria lugar de interações afetivas.

Na segunda categoria, reveladores de resistência, foi enquadrado apenas o discurso de um professor, representado por P1, que afirmou explicitamente não sentir-se confortável com o fato de ter sua vida pessoal compartilhada com seus alunos através da rede social.

O terceiro critério, trabalho com a língua/linguagem, encaminha-nos apenas para uma das categorias anteriores, a saber, reveladores de resistência. Os enunciados de P1, P2, P3 e P5 foram denominados sob a égide de uma resistência explícita, ao passo que os enunciados de P4 e P6 de uma resistência velada.

Em P1, P2, P3 e P5 o trabalho com a linguagem via *Facebook* não se efetiva sob alegações que versam desde a falta de formação teórica e prática até a inexistência de computadores em sala de aula, perpassando pelo discurso de que a direção escolar exige, burocrática e rigorosamente, que os “conteúdos escolares” sejam lecionados.

Em P4 e P6, a resistência instaura-se no momento em que percebemos a criação de páginas no *Facebook* como uma espécie de vitrine, sobretudo em P4, que mantém a página por incentivo da coordenação do projeto ao qual está vinculado.

Por todo o exposto, chegamos à conclusão que os enunciados-discursivos dos professores oscilam entre reconhecer a importância em adotar a rede social no ambiente escolar, proporcionando interações diversas, e a resistência em termos de realização de um trabalho efetivo com a linguagem.

Ademais, faz-se oportuno enfatizar que o estudo realizado não esgota o tema, tendo em vista que ainda temos muito para compreender sobre os usos das redes sociais, o que evidencia um desafio educacional, no sentido de sabermos como usá-las de forma que potencializem a formação de nossos alunos na era digital.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Língua, fala e enunciação. *In*: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997 [1929], p. 90-109.

_____. A interação verbal. *In*: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: HUCITEC, 1997 [1929], p. 110-127.

BARRETO, R. P. Vozes existenciais no Facebook: o lugar do eu e do tu dialógicos. *In*: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, Recife, 2012. **Anais Eletrônico**. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/RoberioBarreto-Vozesexistenciais.pdf>. Acesso em: 05.05.2013.

BRESCIA, A. T.; COSTA, J. W. As possibilidades pedagógicas do Facebook. . *In*: 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, Recife, 2012. **Anais Eletrônico**. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/Amanda%20Tolomelli%20Brescia%20&%20Jose%20Wilson%20da%20Costa%20-%20As%20possibilidades%20pedagogicas%20do%20Facebook.pdf>. Acesso em: 05.05.2013

CAJAL, I.B. A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos. *In*: COX, M.; Inês Pagliarini & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia (Orgs.). **Cenas de sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 125-159.

CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem no Facebook. *In*: SHEPHERD, T. G.; SALIÈS, T. G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 77-92.

COCKELL, M. Ciberletramento: Multimídia e Multimodalidade como propostas de letramento. *Revista SOLETRAS*, Ano IX, nº 17, Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009, p. 81-88. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/17sup/07.pdf>. Acesso em: 20.04.2013.

CORACINI, M. J. UYENO, E. Y.; MASCIA, M. A. A. **Da letra ao pixel e do pixel à letra**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

DEMO, P. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-39.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. *In*: KARWOSKI, A. GAYDECZKA, B. & BRITO, K. (orgs.). **Gêneros textuais**: Reflexões e ensino. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 119-132.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesquis.** nº 115, São Paulo: Mar. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 02.10.2012

FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v.7, n. 1 e n. 2, p. 95-111, jan/dez. 2003. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>. Acesso em: 08.07.2013.

FONTES, M. C. M. O uso do emoticons em chats: afetividade em ensino a distância. *In*: ARAÚJO, J. C. (org.). **Internet & Ensino**: Novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007, p. 64-77.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GADELHA, T. R. **#Étapresidenta maravilhosa**: uma análise da página Dilma Bolada no Facebook. Monografia de conclusão de curso. Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: dilmabolada.com/download/Monografia-Dilma-Bolada-Tassia-Final.pdf. Acesso em: 15.05.2013

KIRKPATRICK, D. **O efeito facebook**: os bastidores da história que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KRAMER, S. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.

LEAL, V. P. L. V. O chat quando não é chato: O papel da mediação pedagógica em chats educacionais. *In*: ARAÚJO, J. C. (org.). **Internet & Ensino**: Novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna: 2007, p. 48-63.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÈVY, P. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 47-136.

LOBATO, M. Emília no País da Gramática. São Paulo: Círculo do Livro S. A, 2004 [1934].

LONGHI, M. T.; BEHAR, P. A.; BERCHT, M. A busca pela dimensão afetiva em ambientes virtuais de aprendizagem. *In*: BEHAR, P. A. **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 204-231.

MENDONÇA, M. Análise Linguística no Ensino Médio: Um novo olhar, um outro objeto. *In*: BUNZEN, C. (org.). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

MAZER, J.; MURPHY, R. & SIMONDS, C. The effects of teacher self-disclosure via *Facebook* on teacher credibility. **Revista Learning, Media and Technology**, v. 34, no. 2, 2009, p. 175-183.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA LOPES (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13-44.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. Coleta e análise de dados qualitativos: a entrevista. *In*: _____. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 165-194.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

POZO, J. A nova cultura da aprendizagem. *In*: _____. **Aprendizes e Mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 23-40.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a Linguística. *In*: SHEPHERD, T. G.; SALIÈS, T. G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 37-53.

RECUERO, R. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODEGHIERO, C. **Violência na internet**: Um estudo do *cyberbullying no Facebook*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas, 2012. Disponível em: http://biblioteca.ucpel.tche.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=377. Acesso em: 02.03. 2013.

ROJO, R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: MOITA LOPES, L. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 253-276.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOUZA, A. L. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SIBILIA, P. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. *In*: LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 139-152.

STREET, B. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. *In*: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 33-52.

TARDIF, M.; LESSARD, C. Os fundamentos interativos da docência. *In*: _____. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 231-273.

TAVARES, M. R. Exemplos da prática pedagógica em EAD. *In*: SHEPHERD, T. G.; SALIÈS, T. G. (orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 229-244.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação; uma proposta de gramática para o ensino de 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

TERRA, Escola não pode ser menos atraente que um game, diz pesquisador. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/escola-nao-pode-ser-menos-atraente-que-um-game-diz-pesquisador,b9de603033a50410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 08.08.2013

UNIVERSIA, Estudo aponta que 80% dos estudantes usam Twitter e Facebook para pesquisas escolares. Disponível em http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2013/06/27/1033102/estudo-aponta-80-doe-facebook-pesquisas-escolares.html?goback=.gde_2517812_member_253829931s-estudantes-usam-twitter-e-facebook-pesquisas-escolares.html?goback=.gde_2517812_member_253829931>. Acesso em: 29.07.2013.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VYGOTSKY, S. L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa intitulada “Tem professor na rede?": O uso do *Facebook* para o ensino de Língua Portuguesa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – UFCG, sob a responsabilidade da pesquisadora Renalle Meneses Barros e de sua respectiva orientadora Prof^a. Dr^a. Rossana Delmar de Lima Arcoverde, tem como objetivo investigar o uso da rede social *Facebook* para o ensino de Língua Portuguesa. Especificamente, o presente estudo objetiva diagnosticar o que os professores de Língua Portuguesa estão fazendo na rede em relação ao seu objeto de ensino (a língua/linguagem), além de analisar os sentidos que eles atribuem a esse uso.

A pesquisa será realizada por meio da observação sistemática das postagens realizadas pelos docentes na referida rede social, bem como pela realização de entrevistas, registradas em áudio (gravador de voz). É importante esclarecer que todas as informações colhidas serão utilizadas para fins exclusivos da análise dos dados e escrita da dissertação, sendo que nenhum tipo de identificação será utilizado, seja da instituição onde será realizada a pesquisa, bem como dos sujeitos pesquisados.

Ciente do objetivo da pesquisa, o participante confirma a sua colaboração participativa no estudo e autoriza a utilização das informações adquiridas no decorrer da coleta e apresentação pública dessas informações, desde que não se faça nenhum tipo de identificação pessoal ou institucional.

O participante da pesquisa está livre para recusar sua colaboração, a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou perda de benefícios dos quais tenha direito. Para tanto, deve entrar em contato com a responsável pela pesquisa por meio do seguinte contato: (83)3321-0616 ou e-mail: renalle.direitoeletras@gmail.com ou ainda, pelos endereços Rua João da Mata, 827, Centro e Unidade Acadêmica de Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Bodocongó, Campina Grande.

Em tempo, reiteramos nosso compromisso em relação ao tratamento respeitoso que será dado as informações coletadas nesta pesquisa.

Ciente: _____ RG: _____
(participante)

Pesquisadora: _____
Renalle Meneses Barros

Orientadora: _____
Rossana Delmar de Lima Arcoverde

Campina Grande, _____ de _____ de _____